

6 CARACTERÍSTICAS DO TERRITÓRIO E DA SOCIEDADE NO ESTADO DA BAHIA

Este capítulo tem por objetivo apresentar informações sobre a localização do Estado da Bahia no Brasil, a formação de seu território ao longo de sua história, o quadro de seus recursos naturais, além de dados sobre sua população, suas atividades econômicas e a organização do seu espaço.

6.1 LOCALIZAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA

O Estado da Bahia está localizado na região Nordeste (Mapa 19), onde ocupa uma área de 567.295 km² e se abre para o oceano Atlântico numa extensão de 932 km. Limita-se a nordeste por Sergipe e Alagoas, ao norte por Pernambuco e Piauí, a oeste por Goiás e Tocantins e ao sul por Minas Gerais e Espírito Santo (Mapa 16 no capítulo anterior).

MAPA 19
A BAHIA NO BRASIL



Fonte: IBGE, 2000.

6.2 A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO DO ESTADO DA BAHIA¹⁸

A Bahia foi o berço da nação brasileira, pois em Porto Seguro aportaram os portugueses da frota de Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500. É possível que a nau mensageira enviada por Pedro Álvares Cabral para dar conta ao rei D. Manuel I das novas terras

¹⁸ Dados extraídos de SILVA et al., 2000: ALMANAQUE, 2002.

descobertas tenha percorrido a costa da Bahia para o norte, a partir de Porto Seguro, antes de se lançar à travessia do Atlântico.

Os primeiros registros da região de Salvador foram feitos pela expedição de 1501, enviada por D. Manuel para explorar a então chamada ilha de Santa Cruz. Américo Vespúcio, que participava da expedição, foi o primeiro a falar da baía a que chamaram "de Todos os Santos", por ter sido encontrada em 1^o de novembro, dia de Todos os Santos. O nome "Bahia" iria estender-se ao território que se constituiu com as terras das capitanias doadas a Francisco Pereira Coutinho, Pero de Campos Tourinho, Jorge de Figueiredo Correia, D. Antônio de Ataíde e D. Álvaro da Costa. O Mapa 20 mostra como o Brasil foi dividido em grandes lotes chamados Capitanias Hereditárias e a localização da Capitania da Bahia de Todos os Santos.

MAPA 20
BRASIL – CAPITANIAS HEREDITÁRIAS



Fonte: Silva et al., 2000

O Brasil, até então praticamente improdutivo, reclamava uma forma eficiente de governo, o que Portugal tentou fazer através da implantação do sistema de capitanias, cedo malogrado. Para substituí-lo, deliberou D. João III instalar um governo-geral, com sede na Bahia, que, embora situada a distâncias desiguais dos extremos da costa ocupada pelos portugueses, oferecia boas condições para apoiar as outras capitanias, ministrar justiça e prover os

interesses da coroa portuguesa.

Para cumprir essa política, foi nomeado Tomé de Sousa, que, de acordo com o regimento de 17 de dezembro de 1548, deveria edificar uma fortaleza e povoação grande e forte num lugar conveniente. A Bahia é a primeira das capitânicas hereditárias a se transformar em capitania real. Em 1549, o primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, construiu a cidade de São Salvador, na Baía de Todos os Santos, para ser a capital da colônia. Além de sede política e administrativa, funcionou como pólo de desenvolvimento econômico de toda a região, com açúcar, tabaco e algodão no século XVIII e tráfico de escravos até meados do século XIX. Com a colonização, a capitania da Bahia incorporou os territórios das capitânicas de Ilhéus, Itamaracá e Porto Seguro.

A partir da ocupação de Salvador e arredores, nos dois primeiros governos-gerais do Brasil, existiram distinções muito nítidas entre Salvador — e seu recôncavo — e o interior mais distante. Apesar das excelências do fundeadouro descoberto em 1501, os portugueses abandonaram-no nas duas primeiras décadas de existência da colônia, dando margem a que franceses ali negociassem com os indígenas. Em face desse abandono, explica-se a surpresa de Pero Lopes de Sousa, cuja viagem é de 1530, ao encontrar na Bahia o lendário Caramuru, que desde 1510 ou 1511, quando naufragara, vivia entre os selvagens.

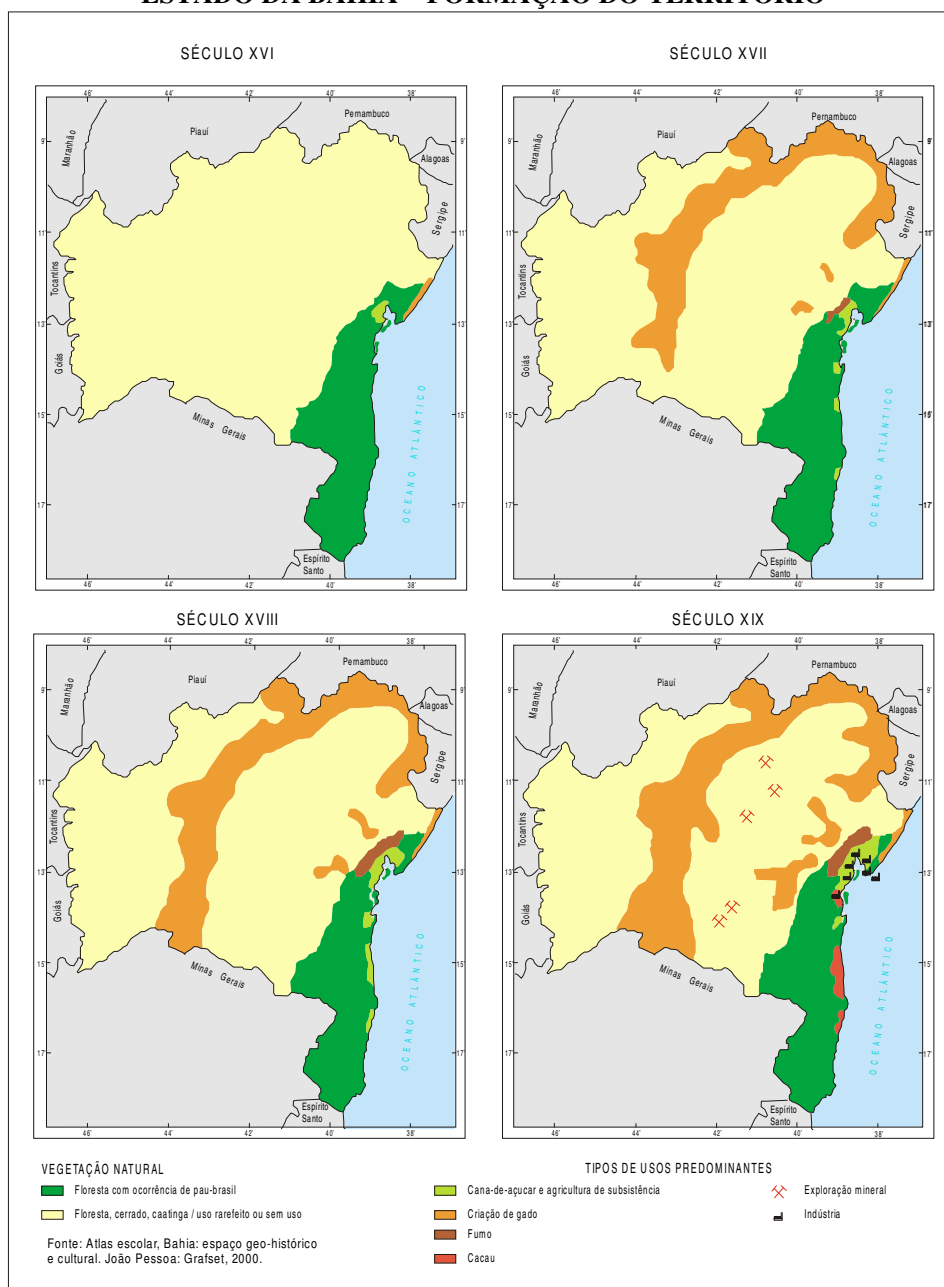
Não foi somente com boiadas e currais que se completou a incorporação dos sertões à Bahia, mas também com as guerras contra os índios amoipiras, acroás e paiaias. Após a primeira e segunda guerras contra os índios de Jaguaripe e Paraguaçu (1558 e 1559), concluiu-se a posse de Matuim e Passé. Além disso, as missões religiosas dos padres da Companhia de Jesus e dos frades de São Francisco e do Monte Carmelo muito contribuíram para as atividades civilizadoras, produtivas e constantes. Outro estímulo para o povoamento consistiu no descobrimento de ouro na serra de Jacobina.

No século XVIII, quando da divisão da Bahia em quatro comarcas, as duas do sertão já possuíam 77.000 habitantes. Acompanhando, por um aspecto, a conquista do território, e correspondendo, por outro, à orientação de Portugal, ficaram caracterizadas quatro zonas de produção: 1) o Recôncavo, para a cana-de-açúcar; 2) Jaguaripe e Camamu, para a farinha de mandioca; 3) tabuleiros ou areais, para fumo e mandioca; 4) o sertão, para o gado. A principal característica da economia foi estar voltada para o mercado externo, com as terras da Bahia fornecendo matérias-primas e artigos da lavoura tropical, que interessavam à Europa.

Implantada sob os condicionamentos da economia mercantil, a economia de exportação teve como base o trabalho escravo. Desenvolveu-se, porém, de forma variada e complexa, com um elenco mais extenso e mais expressivo de artigos e produtos, como pau-brasil e outras madeiras, açúcar, algodão, fumo, ouro, couro cru, cachaça e farinha.

O Mapa 21 mostra como evoluiu a ocupação do território da Bahia do Século XVI ao Século XIX.

MAPA 21
ESTADO DA BAHIA – FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO



6.3 GEOGRAFIA FÍSICA DO ESTADO DA BAHIA ¹⁹

6.3.1 Relevo, geologia e tipos de solos

Aproximadamente 70% do território estadual se encontra entre 300 e 900m e 23% abaixo de 300m de altitude. O quadro morfológico compreende três unidades: a baixada litorânea, o rebordo do planalto e o planalto. Constitui a baixada litorânea o conjunto de terras situadas abaixo de 200m de altitude. Erguem-se aí, dominando as praias e os areais da fímbria litorânea, terrenos de feição tabular, os chamados tabuleiros areníticos (Mapa 22).

Para o interior, esses terrenos cedem lugar a uma faixa de colinas e morros argilosos, de solo espesso, relativamente fértil, sobretudo no Recôncavo, onde se encontra o famoso massapê baiano. Tanto a faixa das colinas e morros como a dos tabuleiros são cortadas transversalmente pelos rios que descem do planalto; ao longo deles estendem-se amplas planícies aluviais (várzeas) sujeitas a inundações que lhes renovam periodicamente os solos com a deposição de novos aluviões.

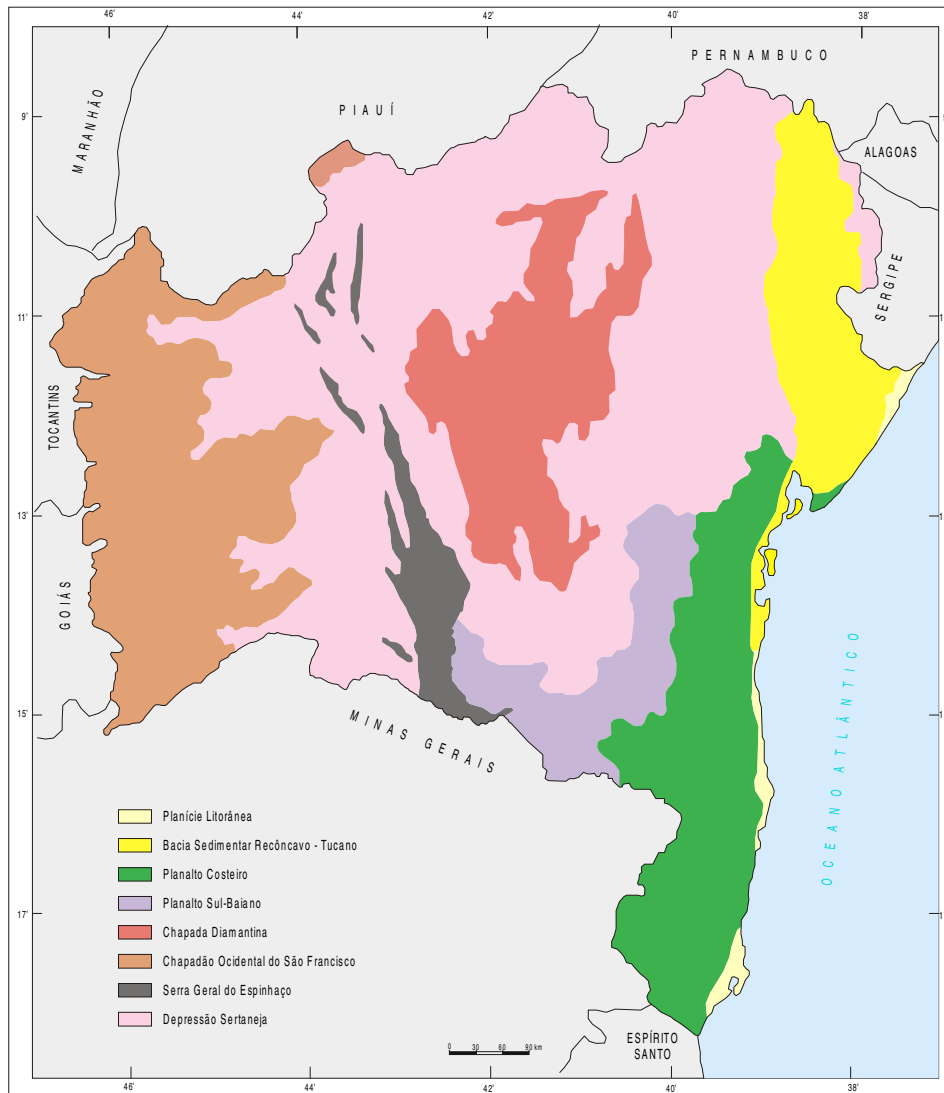
O rebordo do planalto ergue-se imediatamente a oeste dos morros e colinas, formando uma faixa de terrenos muito acidentados, por meio da qual se ascende da baixada ao planalto. Ao norte de Salvador, o rebordo do planalto desaparece, pois a transição entre planalto e baixada se faz suavemente. O planalto ocupa a maior parte do estado e está dividido em cinco compartimentos bem individualizados: planalto sul-baiano, Espinhaço, depressão são-franciscana, planalto ocidental e pediplano.

O planalto sul-baiano, talhado em rochas cristalinas antigas, situa-se no sudeste do Estado. Sua superfície, com 800 a 900m de altitude média, apresenta-se suavemente ondulada, com amplos vales de fundo chato. Entretanto, o rio de Contas e o Paraguaçu abriram em seu seio profundos vales, dividindo-o em três seções: o planalto de Conquista, no sul; o de Itiruçu, no centro; o de Cruz das Almas, no norte.

O Espinhaço consiste em uma faixa de terrenos elevados (1.300m de média e 1.850m no pico das Almas, seu ponto culminante) que corta o Estado da Bahia de norte a sul pelo centro. Sua superfície ora se apresenta como alinhamentos montanhosos (cristas quartzíferas), ora como elevações tabulares ou cuestas. Essas últimas predominam na porção oriental e setentrional, formando um amplo conjunto de formas suaves denominado Chapada Diamantina.

¹⁹ Dados extraídos de SILVA et al., 2000; ALMANAQUE, 2002; SEI.

MAPA 22
ESTADO DA BAHIA – RELEVO



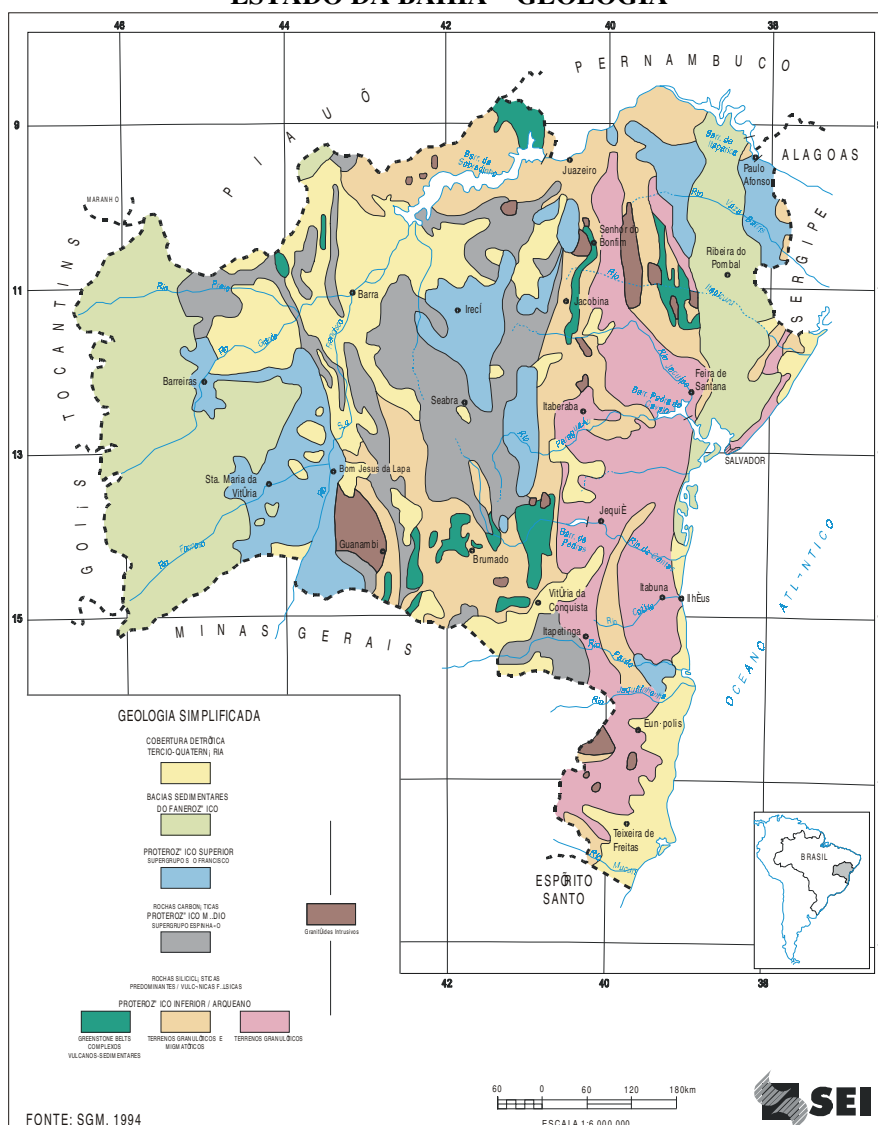
Fonte: Silva et al., 2000

A depressão são-franciscana estende-se a oeste do Espinhaço, com disposição semelhante, isto é, formando faixa de sentido norte-sul. Constituem-na terras de reduzida altitude (400m em média) e relativamente planas que, com suave inclinação, caem para o rio São Francisco. Ao longo dos vales de alguns afluentes do curso médio desse rio, especialmente dos rios Corrente e Grande, a depressão lança para oeste prolongamentos em forma de dedos. No fundo da depressão fica a planície aluvial do São Francisco, periodicamente inundada por suas cheias.

O planalto ocidental, constituído de rochas sedimentares, ergue-se a oeste da depressão são-franciscana, com uma altura aproximada de 850m. Seu topo regular imprime-lhe feição tabular e o caráter de extenso chapadão, a que se aplica o nome genérico de Espigão Mestre.

O pediplano compreende toda a porção nordeste do planalto baiano. Aí se desenvolvem amplas superfícies que se inclinam suavemente para o litoral, a leste, e para a calha do São Francisco, ao norte, com altitudes entre 200 e 500m. Esses terrenos exibem o modelado típico de clima semi-árido, observado em todo o sertão da região Nordeste: grandes planuras nas quais despontam, aqui e ali, picos e maciços isolados (inselbergs). Formam o subsolo dessa região rochas cristalinas antigas, com exceção de uma faixa de formações sedimentares, que do Recôncavo se projeta para o norte, dando lugar a uma série de chapadas areníticas também denominadas tabuleiros (Mapa 23).

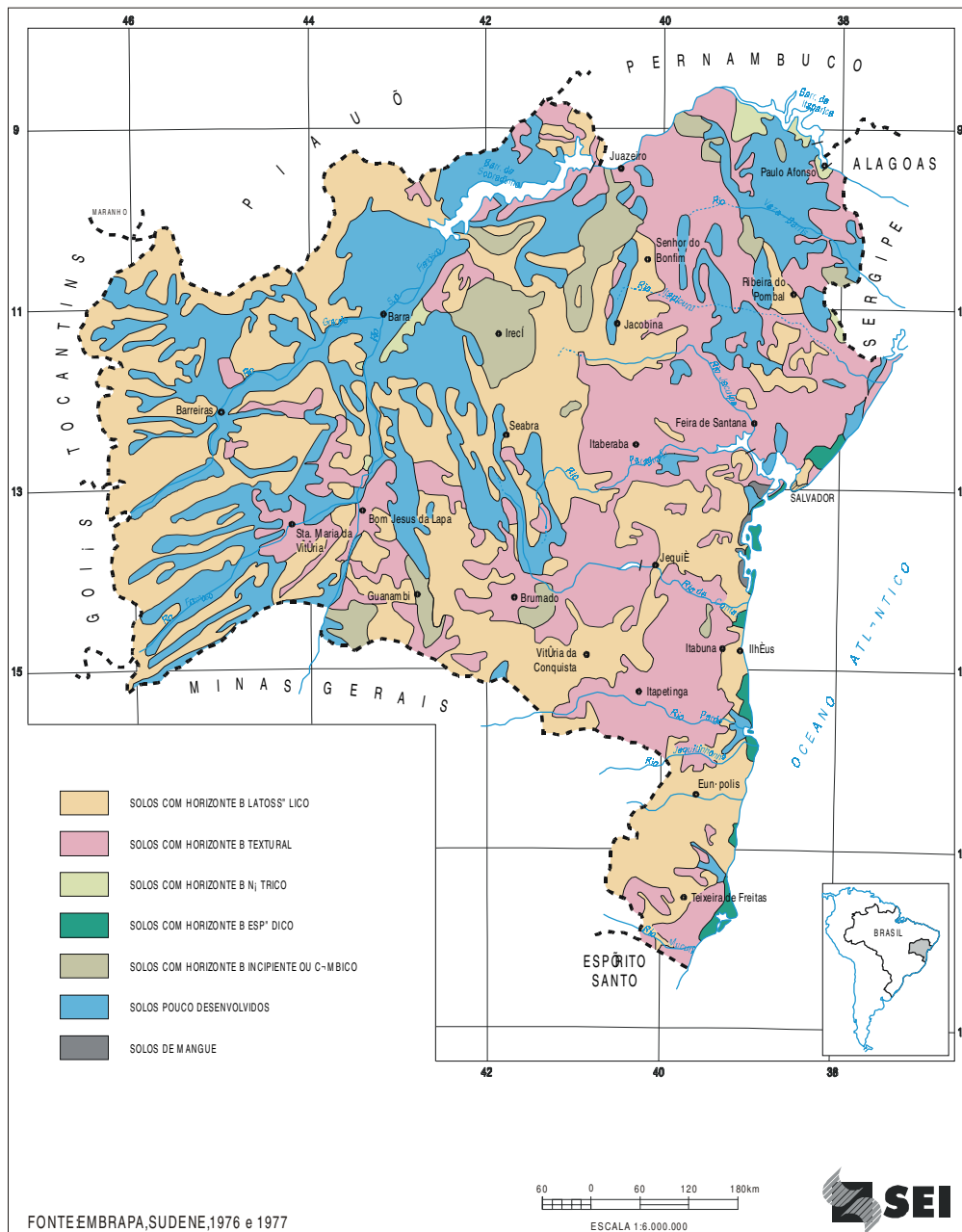
MAPA 23
ESTADO DA BAHIA – GEOLOGIA



Fonte: SEI

O Mapa 24 apresenta dados sobre os tipos de solos existentes no Estado da Bahia.

MAPA 24
ESTADO DA BAHIA – SOLOS



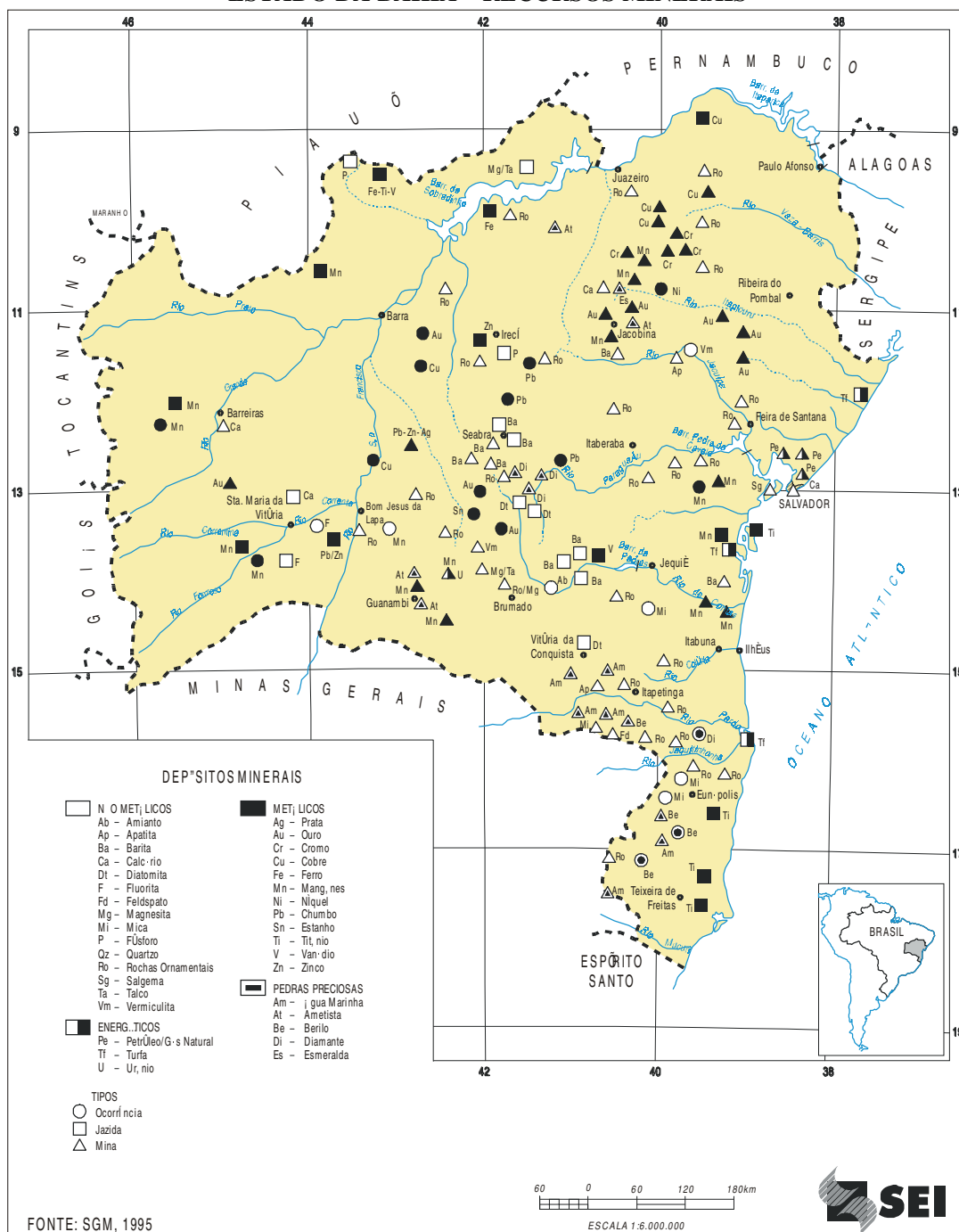
Fonte: SEI.

6.3.2 Recursos minerais

Ao analisar o Mapa 25, pode-se constatar que os recursos minerais da Bahia são bastante variados, embora apenas alguns ofereçam possibilidades efetivas de exploração comercial, como o petróleo e o gás natural, recursos de que a Bahia é, respectivamente, o terceiro e segundo produtor nacional. A área de exploração é o Recôncavo baiano, onde se perfuram poços tanto na terra como no mar. Parte da produção é processada localmente, na refinaria

Landulfo Alves. Outras riquezas do subsolo são objeto de pesquisa e exploração: amianto, barita, berilo, columbita, cristal de rocha, magnesita, mica, chumbo, mármore, cromo, manganês, talco, diamante, titânio, urânio, vanádio e cobre. A mina de ouro de Morro do Vento, em Jacobina, começou a operar em 1983.

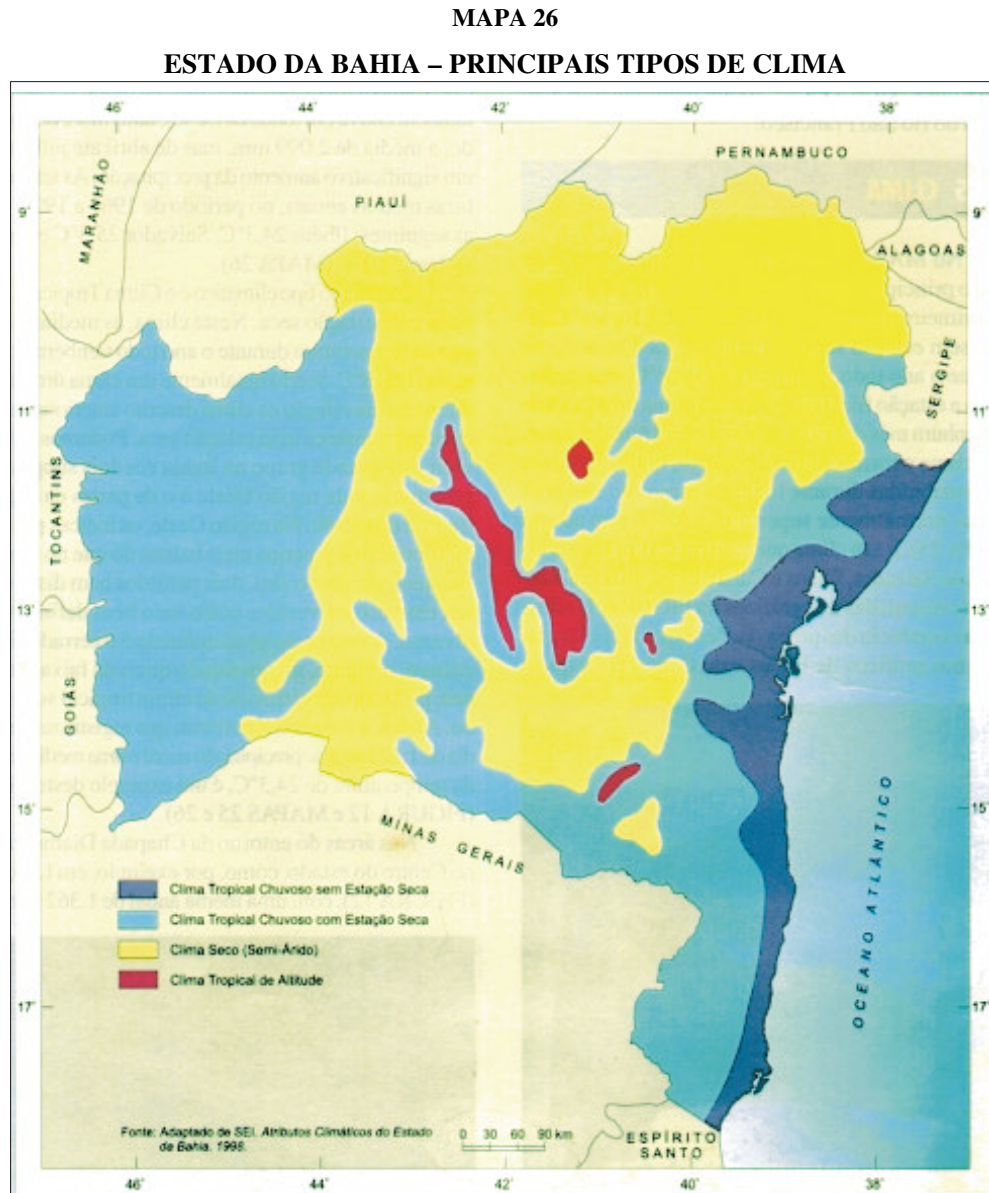
MAPA 25
ESTADO DA BAHIA – RECURSOS MINERAIS



Fonte: SEI.

6.3.3 Clima, temperatura e precipitação média anual

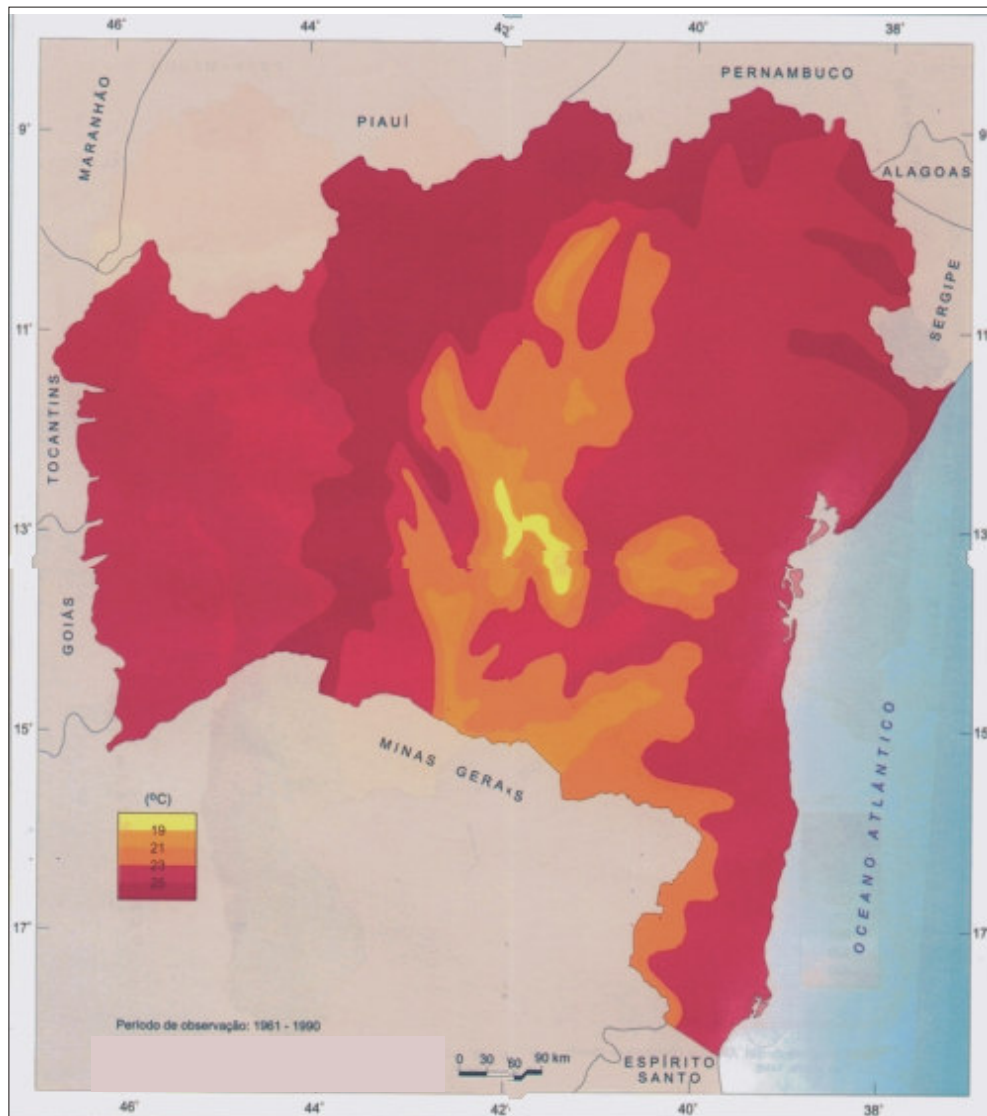
O mapas 26, 27 e 28 apresentam respectivamente os principais tipos de clima, a temperatura média anual e a precipitação média anual existente no Estado da Bahia.



Três tipos climáticos se observam na Bahia: o clima quente e úmido sem estação seca, o clima quente e úmido com estação seca de inverno e o clima semi-árido quente, identificados no sistema de Köppen pelos símbolos Af, Aw e BSh, respectivamente. O primeiro domina ao longo do litoral, com temperaturas médias anuais de cerca de 23°C e totais pluviométricos superiores a 1.500mm. O segundo caracteriza todo o interior, com exceção da parte

setentrional e do vale do São Francisco. Apresenta temperaturas médias anuais que variam entre 18° C nas áreas mais elevadas e 22°C nas áreas mais baixas, e totais pluviométricos equivalentes a mil milímetros. O terceiro tipo climático é encontrado no norte do estado e no vale do São Francisco. As temperaturas médias anuais superam 24° C e mesmo 26° C, mas a pluviosidade é inferior a 700mm.

MAPA 27
ESTADO DA BAHIA – TEMPERATURA MÉDIA ANUAL

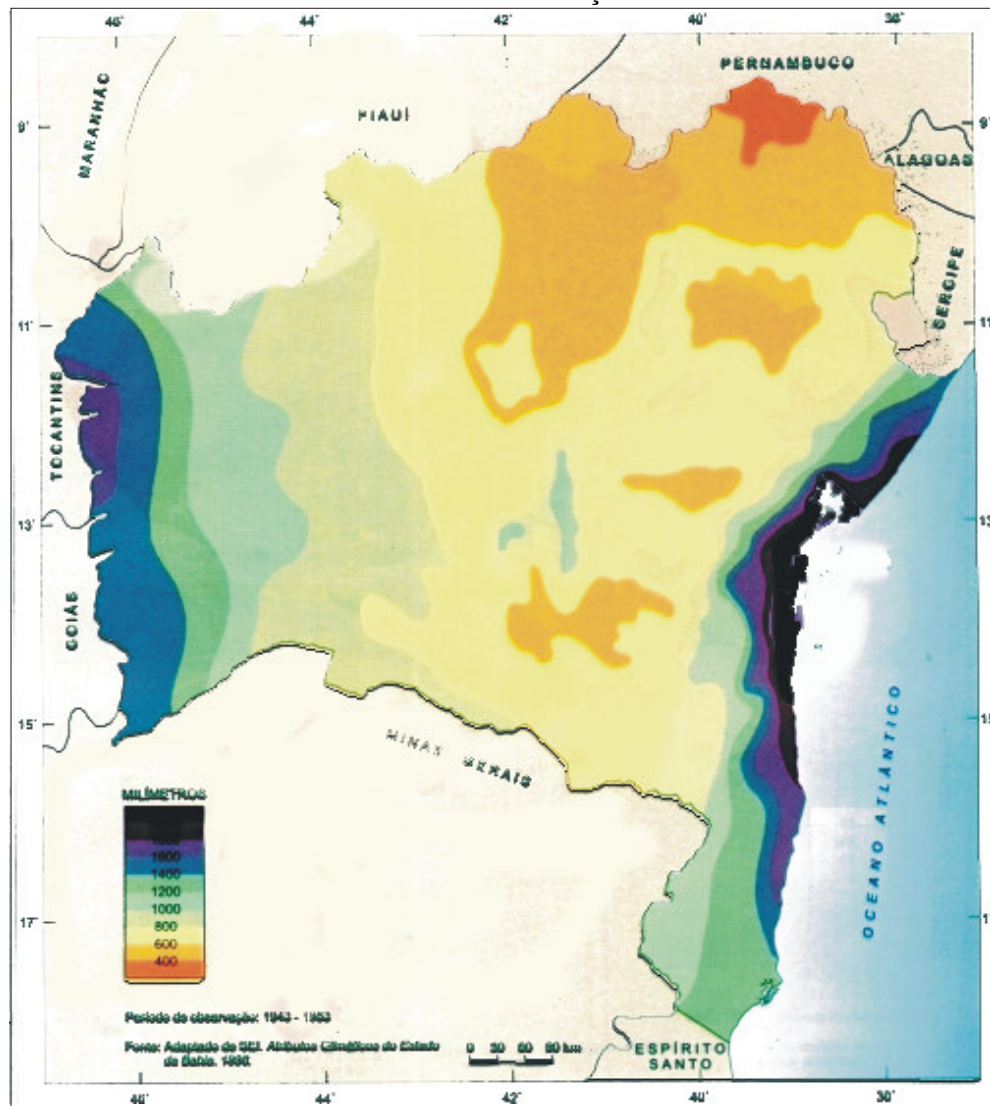


Fonte: Silva et al., 2000

O clima seco predominante na maior parte do interior do Estado da Bahia (região semi-árida) e a baixa precipitação pluviométrica nela existente explicam porque essa região apresenta um menor nível de desenvolvimento do que as demais (Litoral e Oeste da Bahia). A barreira representada pelo clima adverso e pela escassez de chuvas na região semi-árida ao processo

de desenvolvimento econômico e social poderia ser superada com a adoção de políticas públicas apropriadas de combate à seca, fato esse que não ocorreu até o presente momento.

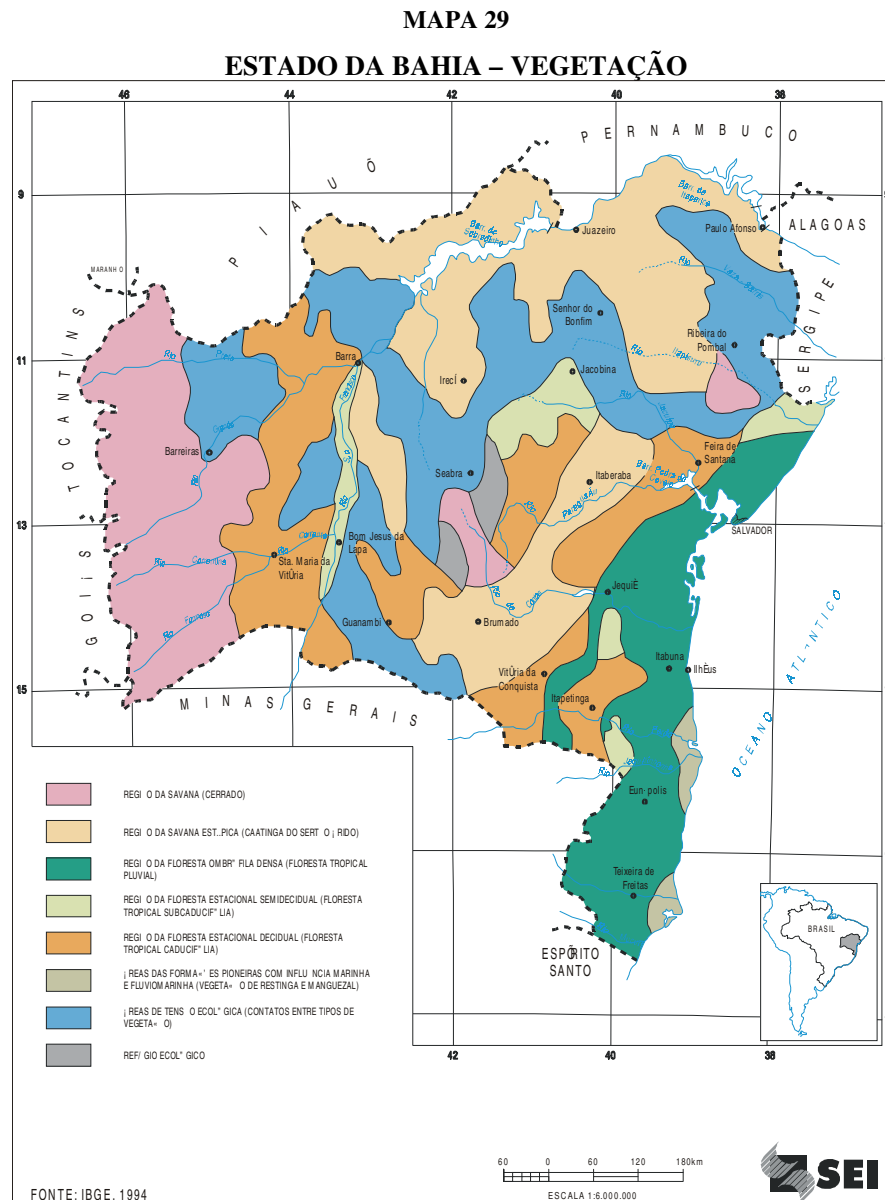
MAPA 28
ESTADO DA BAHIA – PRECIPITAÇÃO MÉDIA ANUAL



Fonte: Silva et al., 2000

6.3.4 Vegetação

Perto de 64% do território baiano é revestido por caatingas, 16% por cerrados, 18% por florestas e 2% por campos. As florestas ocorrem na área litorânea e ocupam uma faixa de terra cuja largura varia entre 100km (no Recôncavo) e 250km (no vale do rio Pardo). No lado oriental apresentam-se como matas perenes, no centro como semidecíduas e no lado ocidental como decíduas agrestes (Mapa 29).



Fonte: SEI.

A principal área de ocorrência de cerrados é o planalto ocidental. Outras manchas, pequenas, surgem em meio às áreas de caatinga. Os campos aparecem também no planalto ocidental, formando uma estreita mancha disposta no sentido norte-sul. As caatingas revestem todo o resto do estado, isto é, a maior parte de seu interior. Todos esses tipos de vegetação encontram-se hoje bastante modificados por interferência do homem.

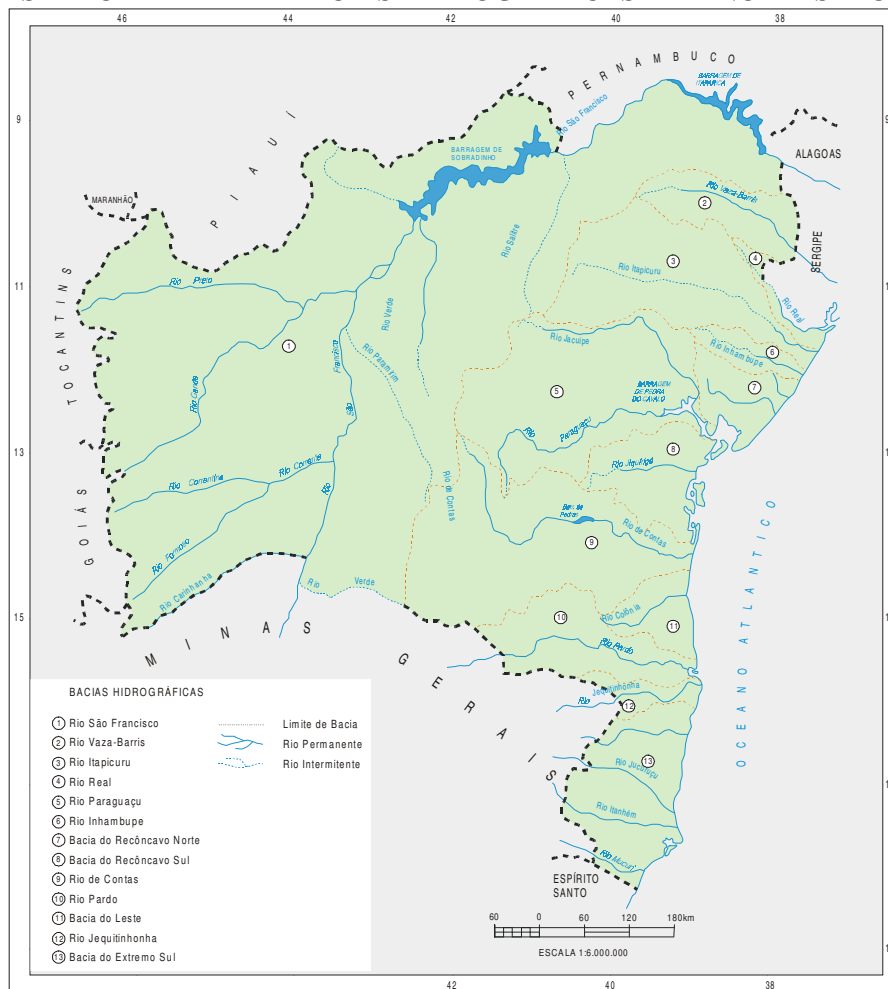
O clima seco predominante na maior parte do interior do Estado da Bahia (região semi-árida), baixa precipitação pluviométrica nela existente e vegetação caracterizada pela caatinga explicam também porque essa região apresenta um menor nível de desenvolvimento do que as demais (Litoral e Oeste da Bahia). A barreira representada pelo clima adverso, pela escassez

de chuvas e pelas características da vegetação na região semi-árida ao processo de desenvolvimento econômico e social poderia ser superada com a adoção de políticas públicas apropriadas de combate à seca, fato esse que não ocorreu até o presente momento.

6.3.5 Recursos hidrográficos

Os rios da Bahia pertencem a dois grupos: o primeiro é integrado pelo São Francisco e seus afluentes. Entre esses últimos destacam-se os afluentes da margem esquerda, que nascem no planalto ocidental (Carinhanha, Correntes, Grande e seu afluente, o Preto). O segundo grupo compreende os rios que correm diretamente para o Atlântico (Mucuri, Jequitinhonha, Pardo, Contas, Paraguaçu, Itapicuru e Vaza Barris). Os dois grupos incluem, na região semi-árida, rios de regime intermitente (Mapa 30).

MAPA 30
ESTADO DA BAHIA – BACIAS HIDROGRÁFICAS E PRINCIPAIS RIOS



Fonte: SEI.

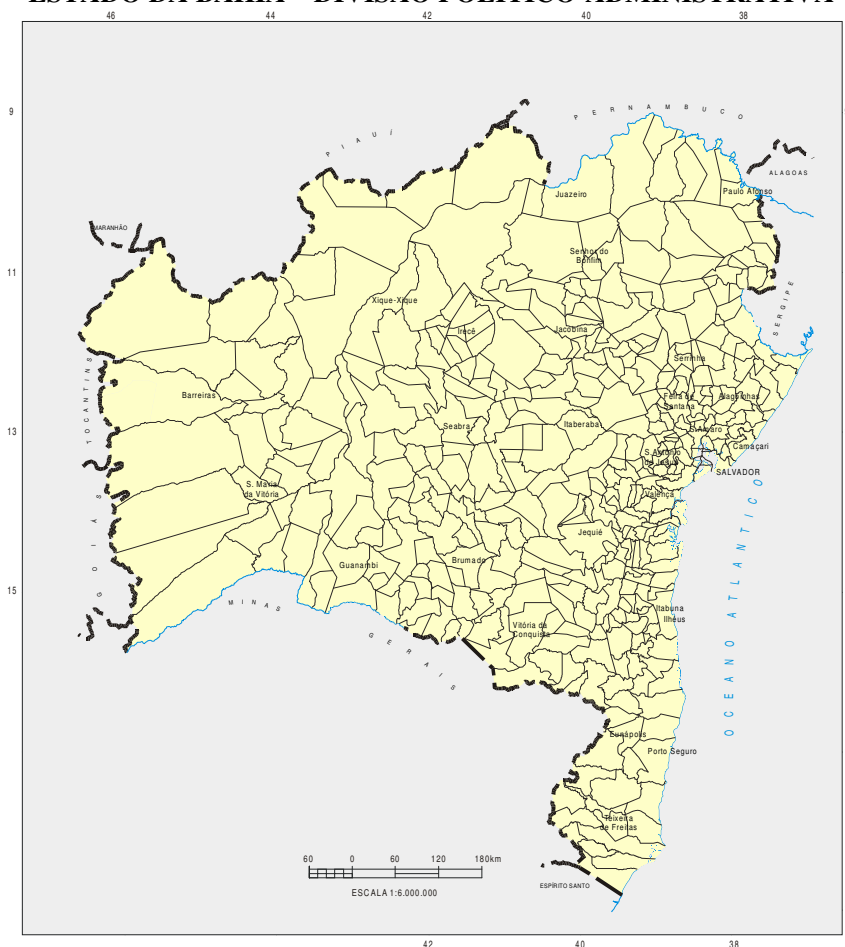
O clima seco predominante na maior parte do interior do Estado da Bahia (região semi-árida)

e a baixa precipitação pluviométrica nela existente que contribuem para seu menor nível de desenvolvimento em comparação com as demais (Litoral e Oeste da Bahia) poderiam ser enfrentados pelo governo do Estado da Bahia com a adoção de políticas públicas apropriadas visando o aproveitamento racional dos recursos hídricos nela existentes.

6.4 REGIÕES ECONÔMICAS DO ESTADO DA BAHIA

O Estado da Bahia possui 15 regiões econômicas (Mapa 47 do capítulo 8) e 415 municípios²⁰ discriminados no Anexo A que apresenta dados sobre a população estimada, área e densidade demográfica, segundo as regiões econômicas e municípios do Estado da Bahia referentes a 1999. O Mapa 31 apresenta a divisão político-administrativa do Estado da Bahia com a indicação dos limites geográficos de seus municípios.

MAPA 31
ESTADO DA BAHIA – DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA



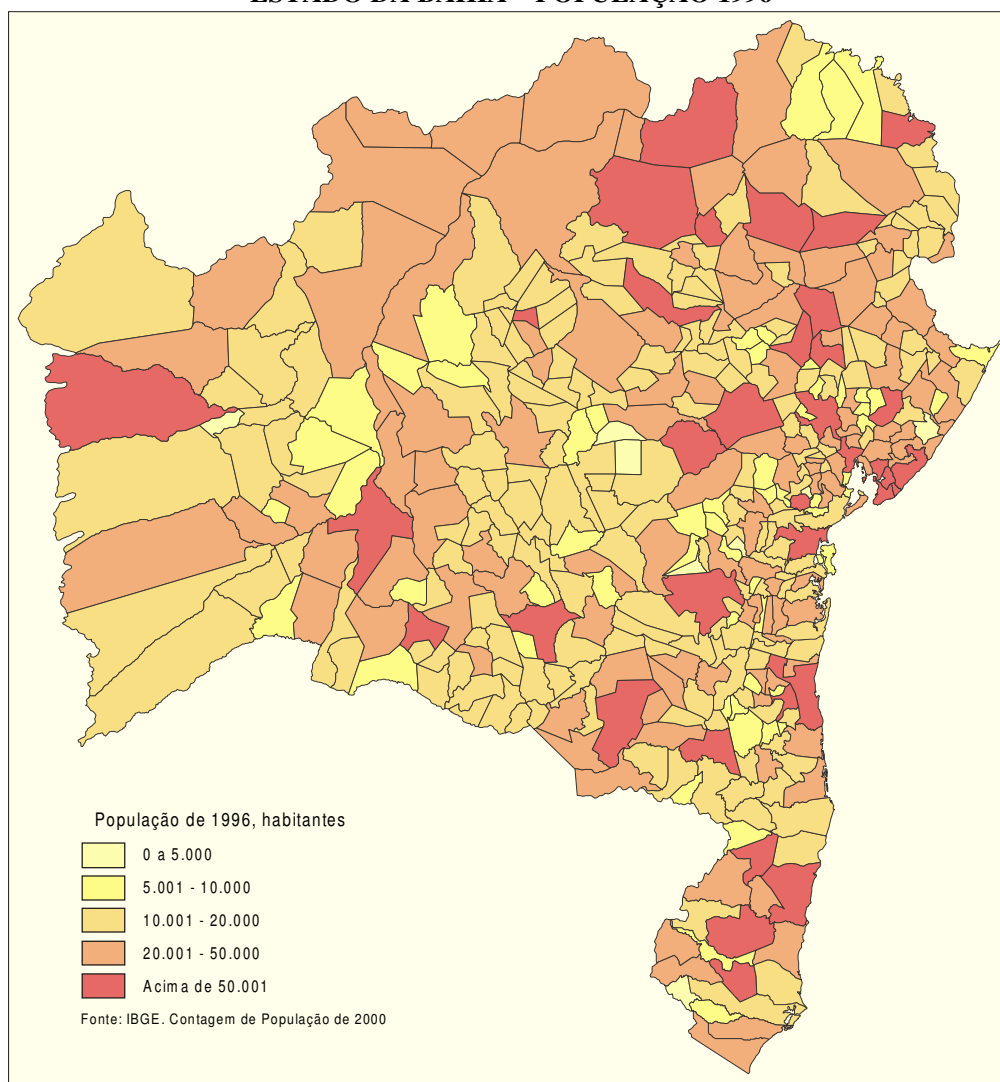
Fonte: SEI.

²⁰ Incluindo-se dois municípios recentemente criados, totaliza 417.

6.5 POPULAÇÃO²¹

No ano 2000, a população do Estado da Bahia correspondia a 13.066.910, a densidade demográfica era de 23,2 habitantes/km² e a taxa de urbanização foi de 67,1%. O crescimento demográfico entre 1991 e 2000 foi de 1,1% ao ano. A população da Bahia apresenta forte contingente de negros e mulatos, concentrados no Recôncavo, além de numerosos caboclos, que predominam no planalto. A distribuição populacional apresenta grandes contrastes regionais (Mapa 32).

MAPA 32
ESTADO DA BAHIA – POPULAÇÃO 1996

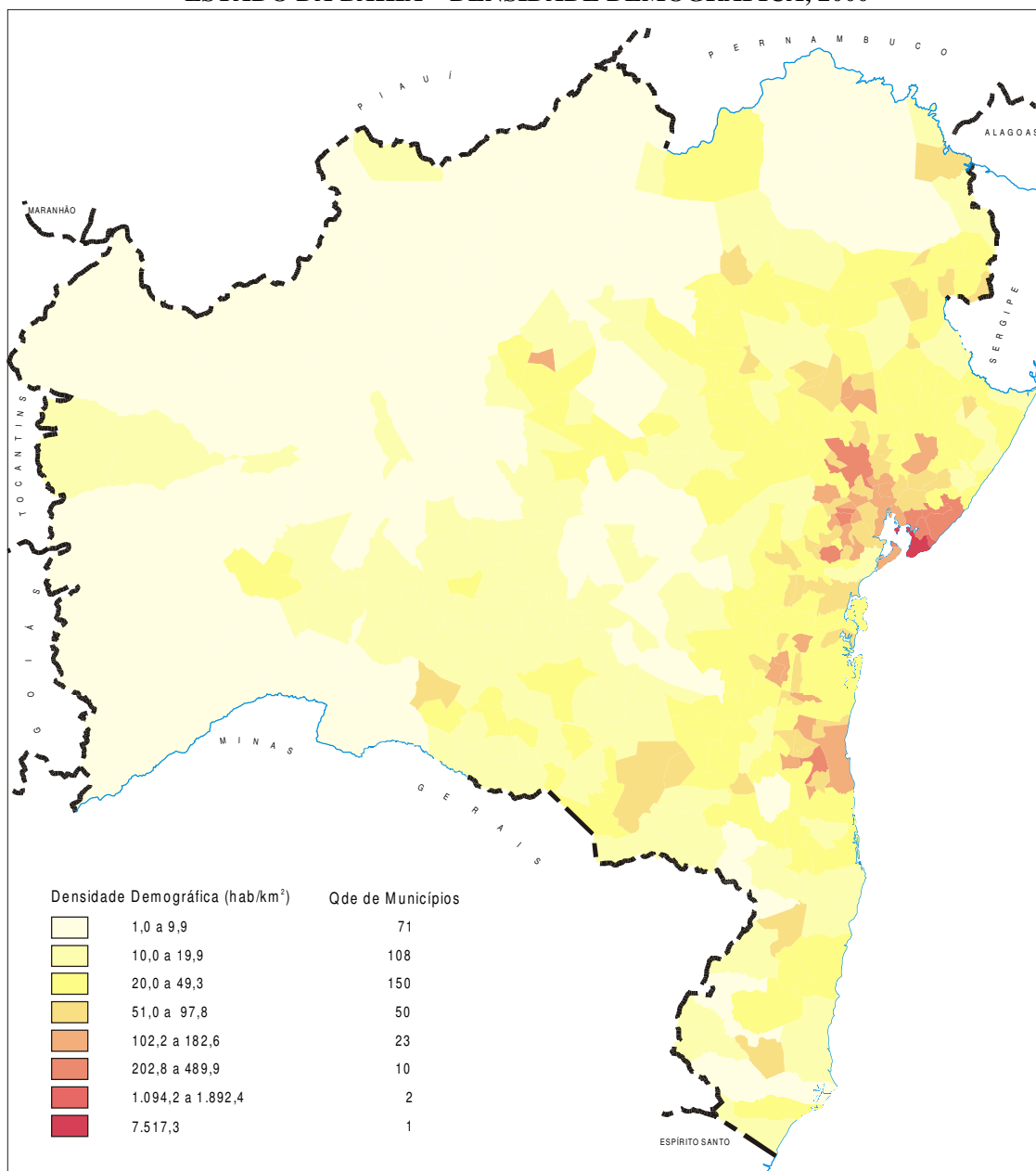


Fonte: IBGE, 1999.

²¹ Dados extraídos de SILVA et al., 2002; ALMANAQUE, 2002; SEI.

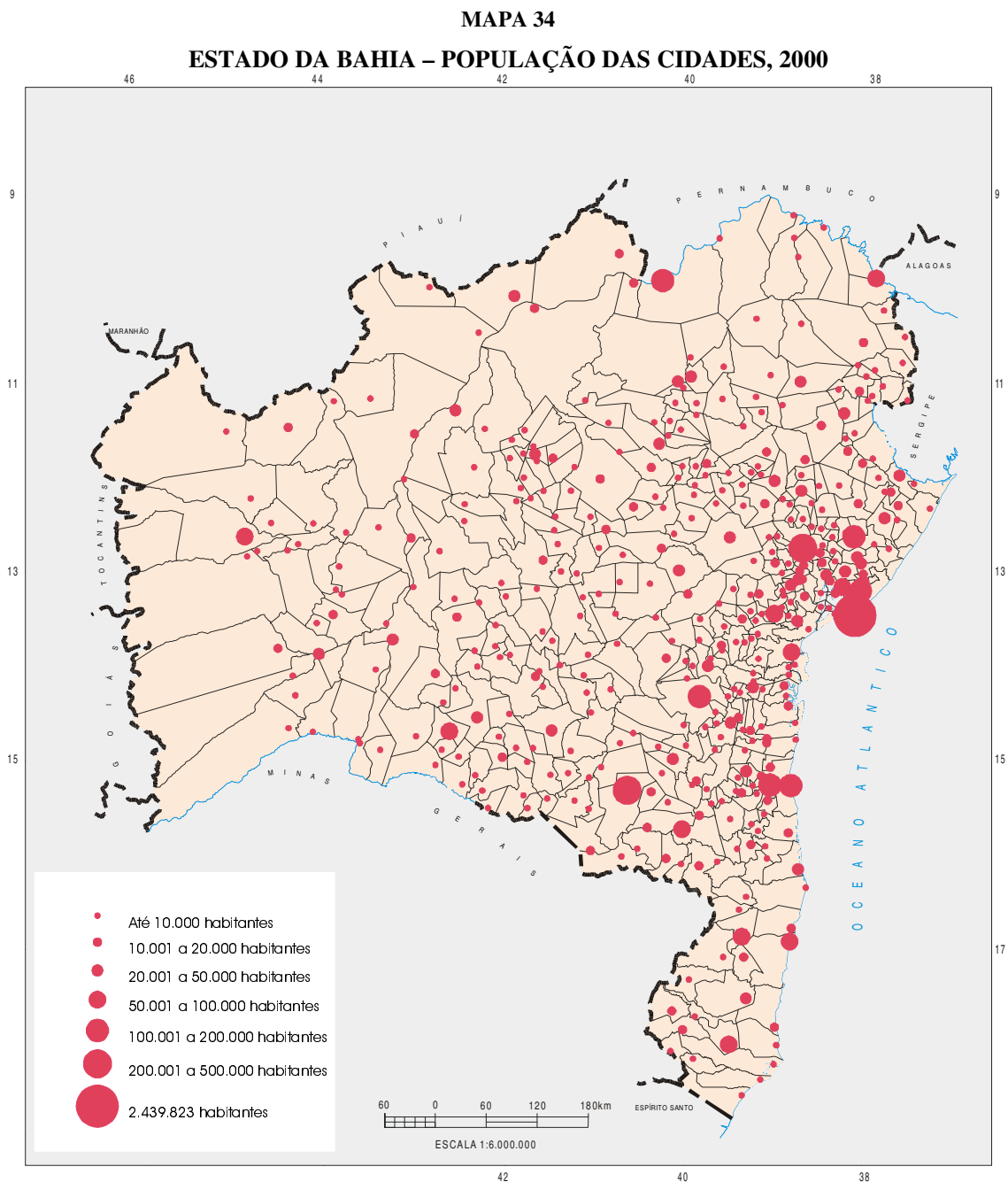
No Recôncavo e na região cacauceira registram-se densidades superiores a 100 habitantes por quilômetro quadrado. Já em amplas áreas do interior, o povoamento se torna escasso, caindo esses índices para cerca de 15 hab./km² nos chapadões, na Chapada Diamantina e no sertão semi-árido (Mapa 33).

MAPA 33
ESTADO DA BAHIA – DENSIDADE DEMOGRÁFICA, 2000



Fonte: SEI, 2000.
Elaboração própria.

No Mapa 34 tem-se o tamanho da população das cidades do Estado da Bahia, destacando-se entre elas, Salvador, Lauro de Freitas, Feira de Santana, Camaçari, Ilhéus, Itabuna, Vitória da Conquista, Jequié e Juazeiro.



Fonte: SEI, 2000.

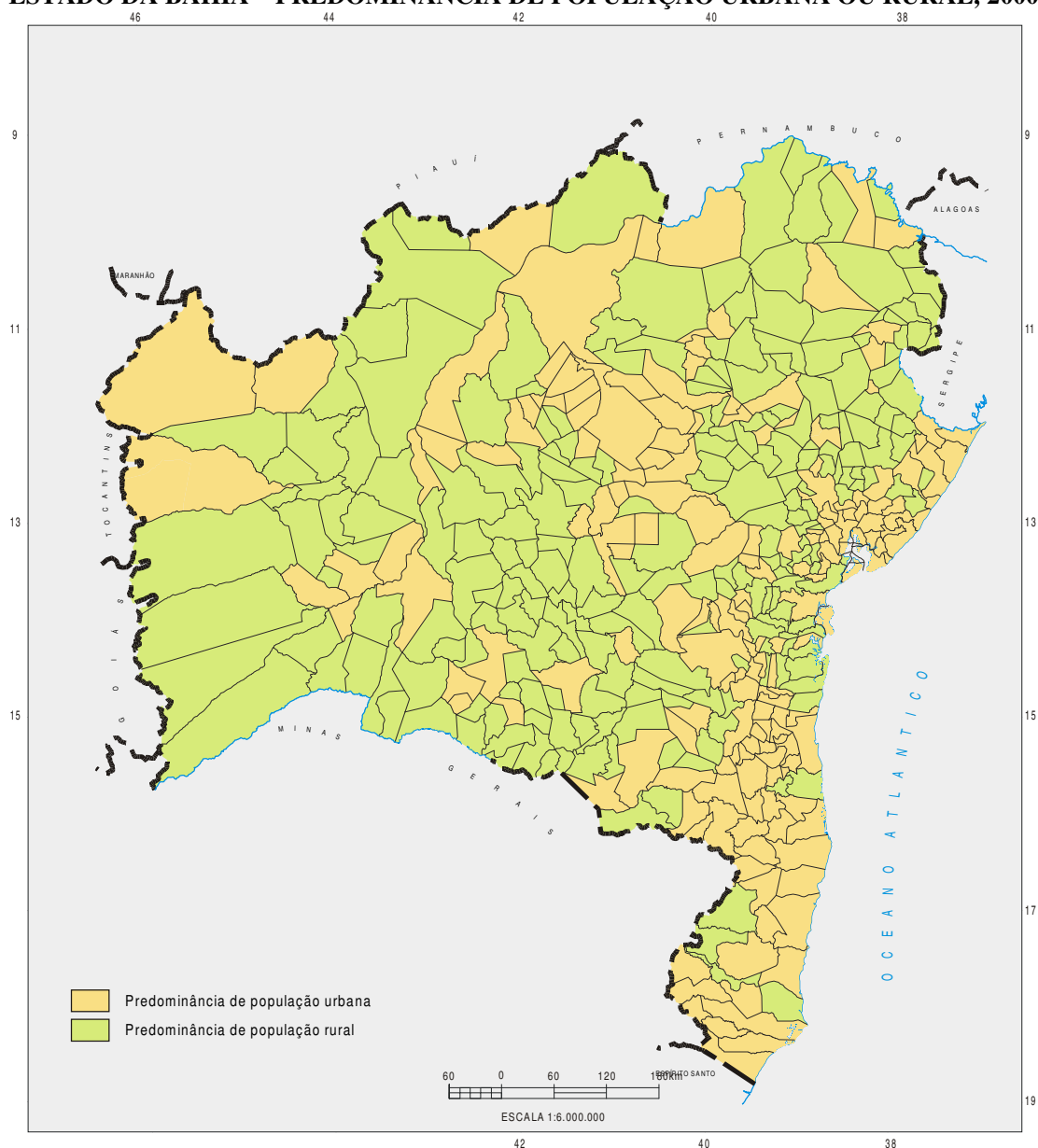
A análise do Mapa 34 permite constatar que alguns municípios (Salvador, Lauro de Freitas, Camaçari, Feira de Santana, Juazeiro, Jequié, Ilhéus, Itabuna, Vitória da Conquista e Barreiras) que possuem população acima de 120.001 habitantes concentram a maior parte da

população do Estado da Bahia o que se explica pelo fato de serem os municípios de maior dinamismo econômico.

O Mapa 35 mostra que há predominância de população rural na maioria dos municípios do Estado da Bahia e o Mapa 36, que a maioria de seus municípios tem grau de urbanização inferior a 50%. Essa situação configura o atraso econômico e social em que se encontra o Estado da Bahia na maior parte de suas regiões.

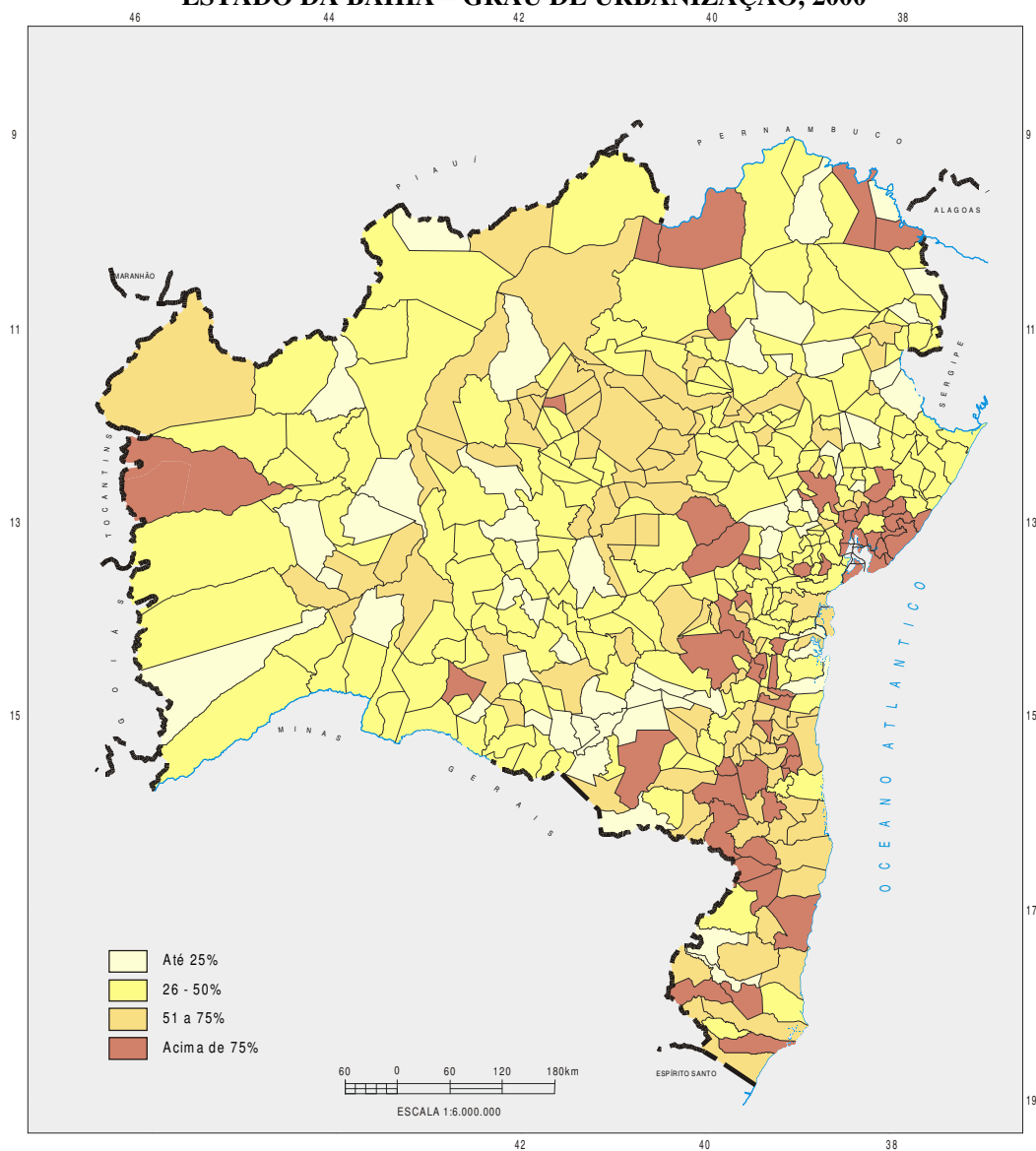
MAPA 35

ESTADO DA BAHIA – PREDOMINÂNCIA DE POPULAÇÃO URBANA OU RURAL, 2000



Fonte: IBGE.

MAPA 36
ESTADO DA BAHIA – GRAU DE URBANIZAÇÃO, 2000



Fonte: SEI.

6.6 ATIVIDADES ECONÔMICAS DO ESTADO DA BAHIA²²

6.6.1 Agricultura e pecuária

O principal produto agrícola da Bahia é o cacau, cultivado sobretudo para exportação. Sua área de cultura por excelência são as colinas e morros da região litorânea ao sul do Recôncavo, principalmente nos municípios de Ilhéus e Itabuna. A soja vem em seguida

²² Dados extraídos de SILVA et al., 2002; ALMANAQUE, 2002; portalbrasil@portalbrasil.eti.br

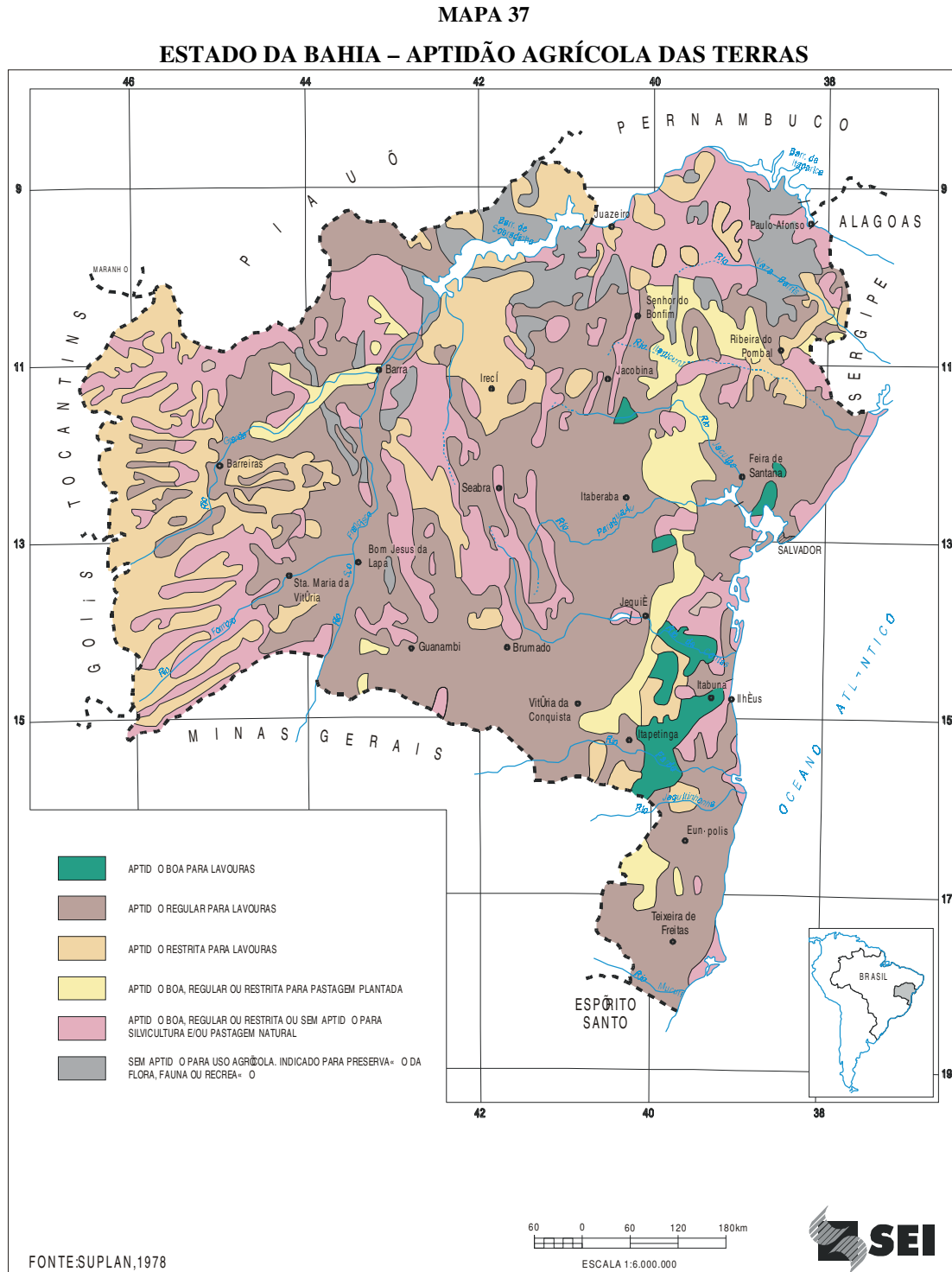
concentrando sua produção no oeste do Estado da Bahia.

A produção de mandioca apresenta uma distribuição geográfica dispersa, que, de certa forma, reproduz a distribuição da população do Estado da Bahia. Produto básico da alimentação baiana e cultura pouco exigente quanto às condições ecológicas, é natural que acompanhe o homem onde quer que ele se instale. A área de maior concentração da produção é o Recôncavo, onde a mandioca, cultivada nos solos pobres sobre as formações areníticas, assume o caráter de lavoura comercial. No interior aparece geralmente como cultura de subsistência.

O terceiro produto agrícola do Estado, o feijão, é cultura geograficamente dispersa, com características de pequena lavoura comercial e, também, de subsistência. O café se situa em quarto lugar, sendo sua produção localizada principalmente em Vitória da Conquista. A cana-de-açúcar vem em quinto lugar quanto ao valor de produção. Grande lavoura comercial ligada à agroindústria (usinas de açúcar), domina os ricos solos de massapê do Recôncavo. Surge também no interior do Estado integrada na pequena lavoura comercial, para a produção de aguardente e rapadura ou como simples cultura de subsistência. Seguem-se em ordem decrescente, por valor de produção, mamão, banana, mamona, algodão e laranja.

A criação de gado de corte se faz em todas as regiões do Estado, mas observa-se um certo grau de especialização regional: de um lado, áreas de caatinga, voltadas para a reprodução dos rebanhos, e de outro, áreas de florestas do rebordo oriental do planalto, reservadas para a engorda dos animais provenientes das primeiras. A pecuária leiteira assume grande vulto na região de Itapetinga, e a produção estadual de leite é considerável. Áreas antes áridas, como Iaçú e Itaberaba, foram convertidas à pecuária graças à introdução de capins africanos.

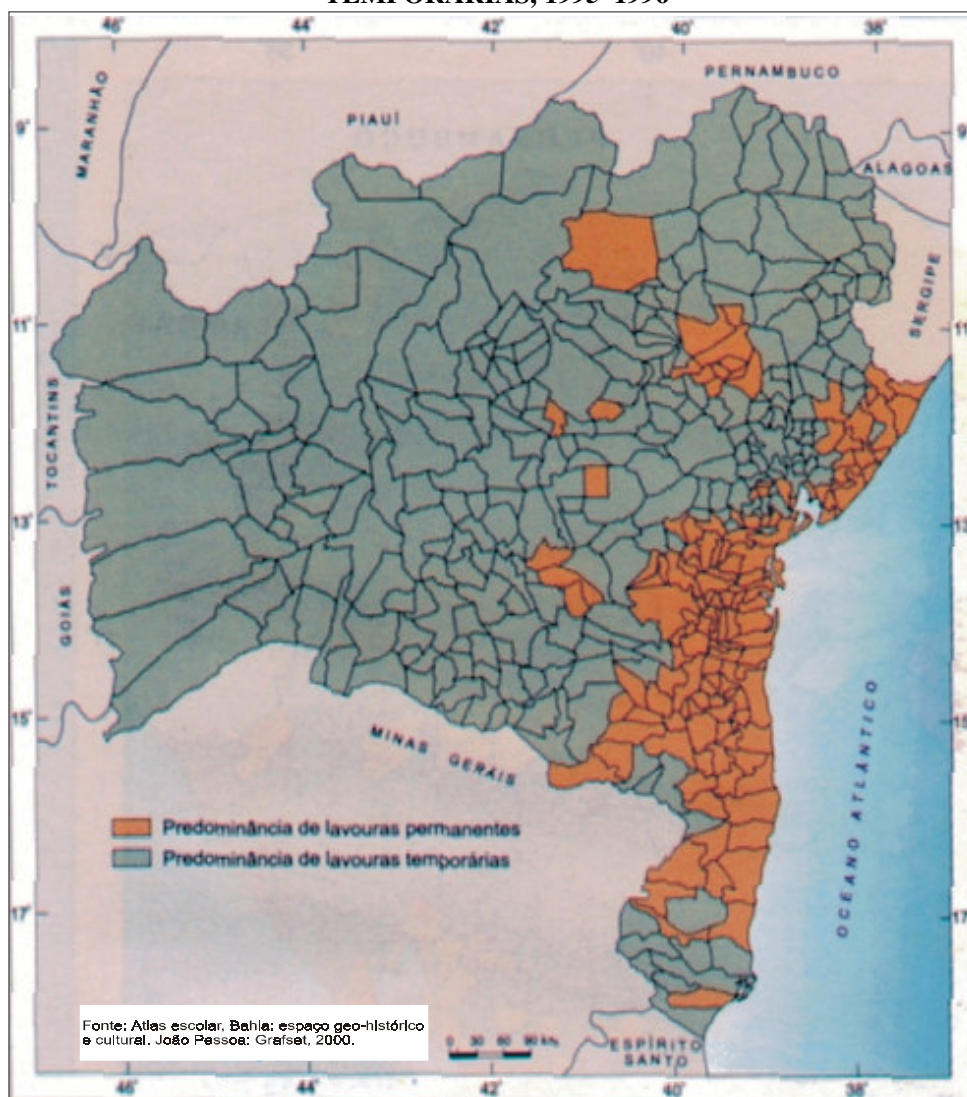
O Mapa 37 mostra as áreas de aptidão agrícola das terras e de pastagem do Estado da Bahia. Sua análise permite constatar que as áreas classificadas como boas para lavoura e pastagem são em menor número. Observando o semi-árido, percebe-se que existe grande número de áreas regulares para lavoura que poderiam ser mais bem aproveitadas se existissem políticas públicas eficazes de combate à seca e se se utilizasse a irrigação em larga escala.



Fonte: SEI

O Mapa 38 mostra os municípios onde predominam as lavouras permanentes e temporárias. Sua análise permite constatar que, próximo ao litoral, prevalecem as lavouras permanentes favorecidas provavelmente pelo regime pluviométrico e pela disponibilidade de recursos hídricos.

MAPA 38
**ESTADO DA BAHIA – PREDOMINÂNCIA DE LAVOURAS PERMANENTES E
 TEMPORÁRIAS, 1995–1996**



Fonte: Silva et al., 2000

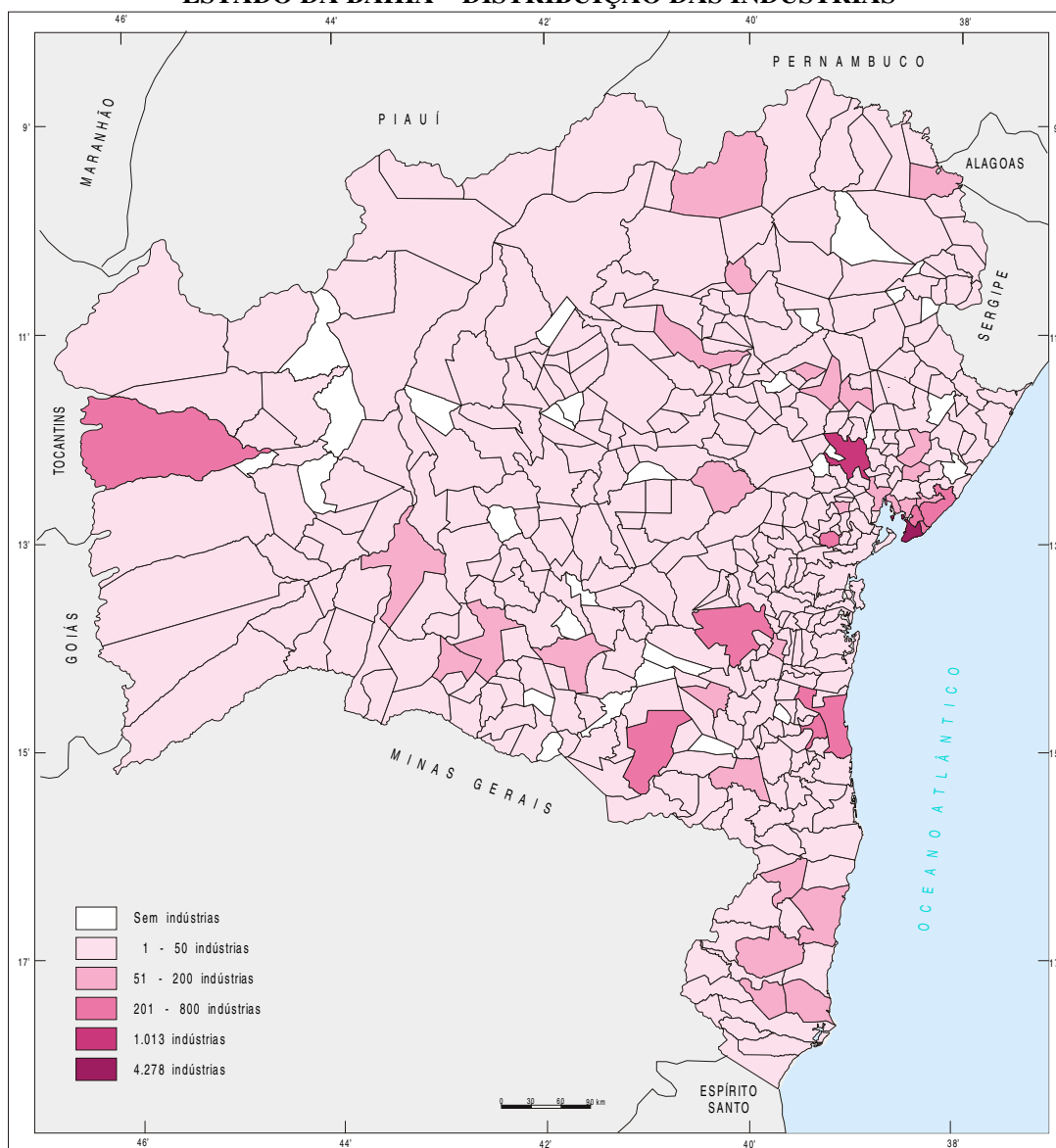
6.6.2 Indústria de transformação

As atividades industriais da Bahia, de pouca expressão no passado, desenvolveram-se bastante a partir da década de 1950 com a implantação da refinaria de Mataripe. Estado de tradicional estrutura agrária, a Bahia ocupa hoje no setor secundário considerável parcela de sua população economicamente ativa. Persistem, no entanto, numerosas indústrias de pequeno porte, de caráter artesanal, como as que produzem artigos de consumo sertanejo (rapadura, aguardente, farinha de mandioca). Entre as de maior porte, destacam-se a indústria química (inclusive refino de petróleo), petroquímica, metalúrgica, de produtos alimentares (especialmente usinas de açúcar), têxtil e de fumo.

Na década de 1960, o crescimento econômico baiano se acelerou com a criação do Centro Industrial de Aratu (cimento, metalúrgicas) e com a promoção da agricultura na bacia do São Francisco que, na década seguinte, passou a ser fomentada pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf). O posterior desenvolvimento industrial da Bahia centrou-se no Pólo Petroquímico de Camaçari, inaugurado em 1978. Na mesma época, o turismo também ganhava força como fonte de riqueza. Na década de 1990, a lavoura cacaueteira do sul baiano, outro esteio econômico do Estado, foi prejudicada pela crise provocada pela disseminação da vassoura-de-bruxa, praga que provocou queda substancial na produção e muito desemprego, e pela queda dos preços do cacau no mercado internacional.

MAPA 39

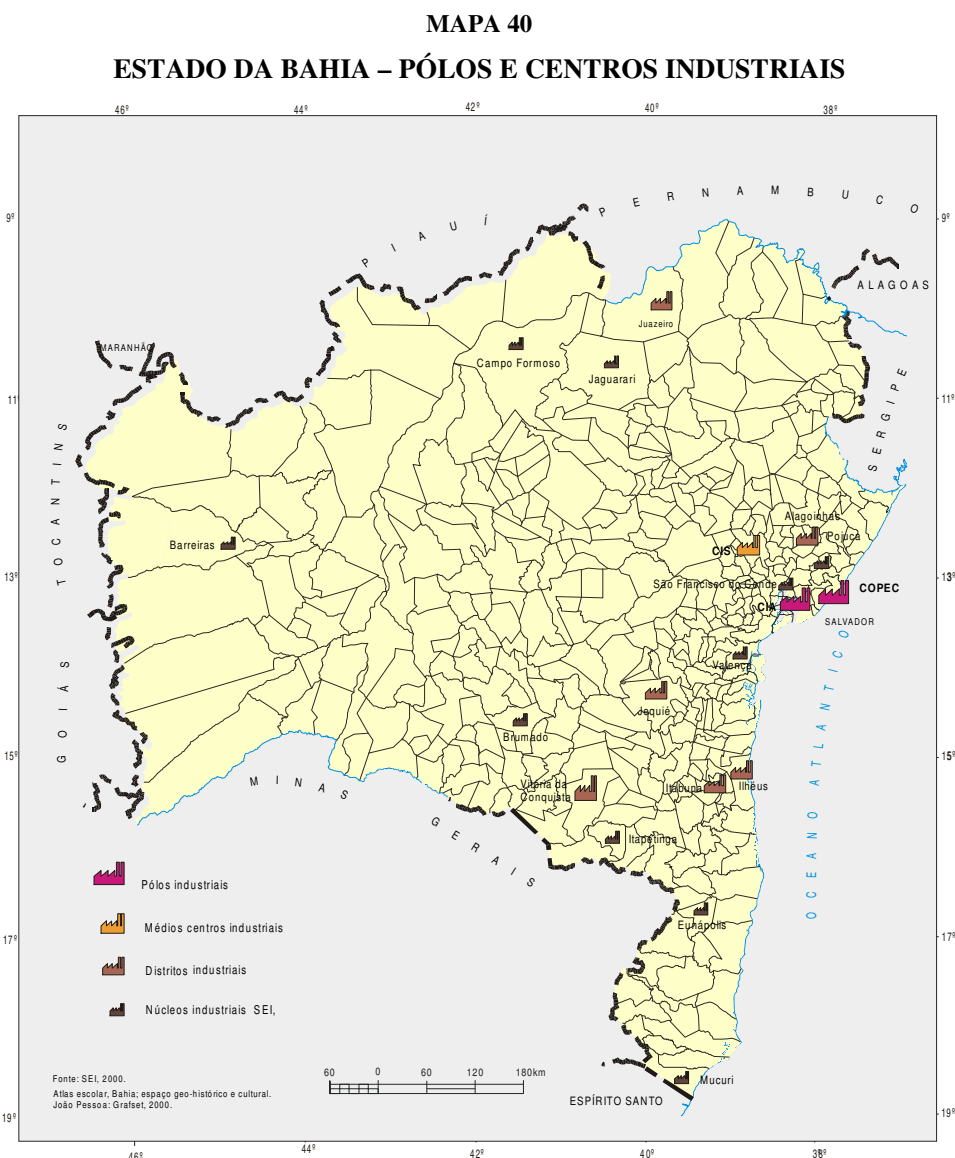
ESTADO DA BAHIA – DISTRIBUIÇÃO DAS INDÚSTRIAS



Fonte: Silva et al., 2000

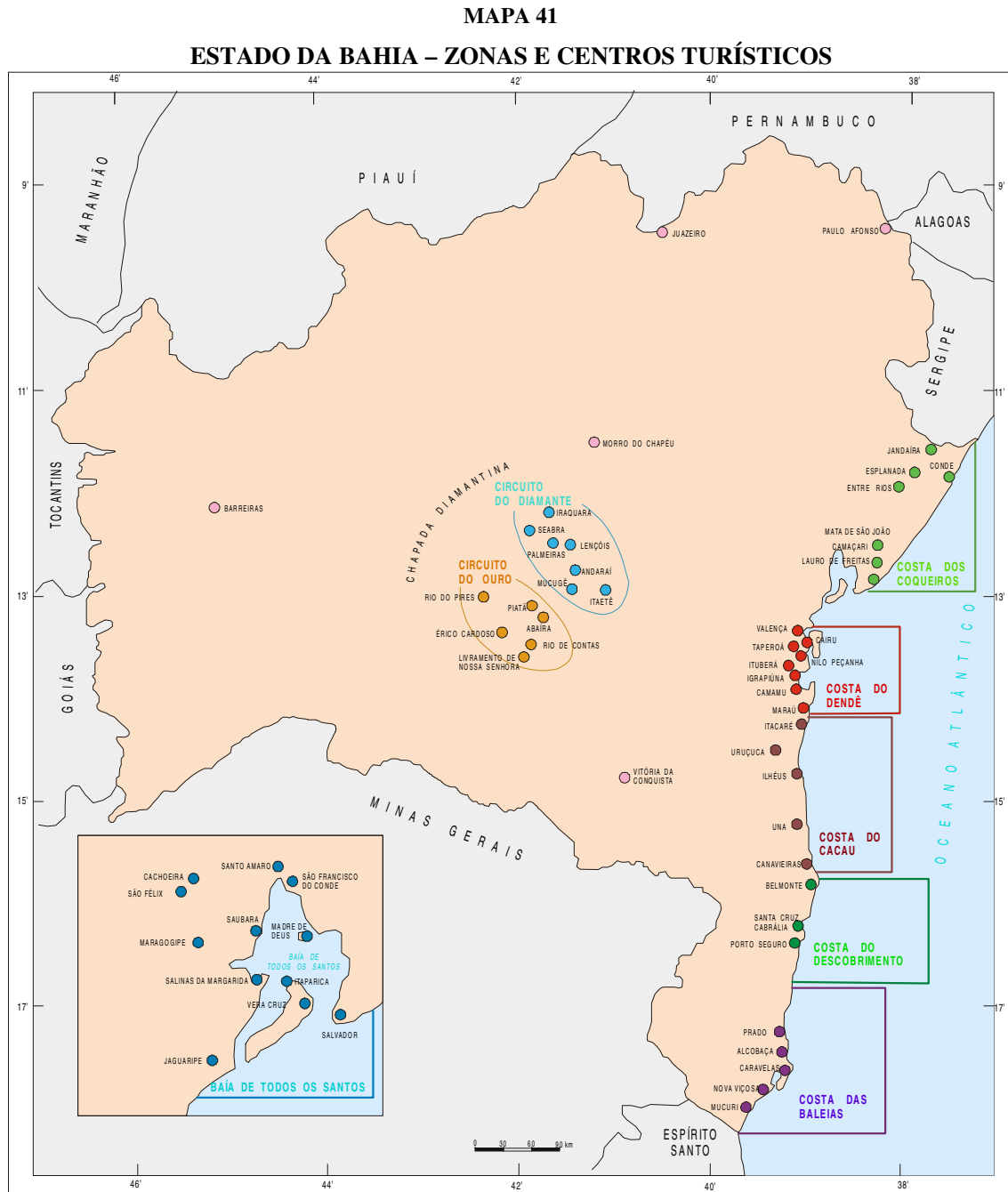
Concentra-se em torno de Salvador o grosso da produção industrial, sobretudo no Centro Industrial de Aratu, localizado na própria Região Metropolitana de Salvador, e no Pólo Petroquímico de Camaçari, um dos mais modernos do mundo. Além de Aratu e Camaçari, a Bahia conta ainda com o Centro Industrial do Subaé em Feira de Santana e o Centro Industrial de Ilhéus, dentre outros. Maiores detalhes sobre o processo de industrialização do Estado da Bahia serão apresentados no capítulo 7.

Como pode ser visto no Mapa 39, a maior parte das indústrias do Estado da Bahia está concentrada sobretudo em Salvador, Camaçari e Feira de Santana. Por sua vez, o Mapa 40 mostra que há uma concentração dos pólos e centros industriais do Estado da Bahia na RMS — Região Metropolitana de Salvador.



6.6.3 Turismo

Dentre as zonas e centros turísticos do Estado da Bahia, destaca-se todo o litoral como a área preferencial desse empreendimento (Mapa 41).



Fonte: Silva et al., 2000

A Tabela 19 mostra a evolução do turismo em Salvador de 1980 a 1997.

Tabela 19 – Fluxo de Turistas – Número de estabelecimentos, vagas, hóspedes e alguns indicadores da rede hoteleira – Salvador – 1980–1997

Ano	Estabelecimentos		Hóspedes			Indicadores		
	Hotéis classificados	Pensões, casas de hospedagem e hotéis não classificados	Brasileiros	Estrangeiros	Total	Permanência média	Taxa de ocupação por leito	Taxa de ocupação por U.H.
1980	37	109	52.945	11.017	63.962	4,3	45,8	57,4
1981	38	120	189.318	19.707	209.025	3,9	43,7	55,0
1982	36	113	196.990	24.911	221.901	4,0	44,7	53,5
1983	36	105	215.834	35.226	250.660	3,6	44,5	53,2
1984	36	130	231.225	56.510	287.735	3,6	46,4	53,7
1985	41	148	240.084	65.651	305.735	3,7	47,4	53,0
1986	42	167	301.624	80.136	381.760	3,6	54,7	63,8
1987	44	168	269.875	73.557	343.432	3,6	48,9	56,4
1988	46	141	232.521	73.487	306.008	3,5	40,2	48,0
1989	47	141	256.870	69.217	326.087	3,4	41,4	50,2
1990	47	141	204.876	54.084	258.960	3,4	34,5	42,7
1991	46	141	226.967	69.695	296.662	3,5	35,5	44,0
1992	43	141	200.675	89.778	290.453	3,6	38,7	47,3
1993	42	165	211.995	105.089	317.084	3,8	45,8	53,4
1994	44	177	229.342	107.955	337.297	3,7	46,6	54,3
1995	42	189	255.932	86.931	342.863	3,6	43,1	54,1
1996	42	194	258.857	71.553	330.410	3,5	40,0	49,7
1997	41	201	277.587	61.497	339.084	3,3	39,0	50,2

Fonte: Bahiatursa, 1998.

6.6.4 Energia Elétrica

A energia elétrica distribuída na Bahia é predominantemente de origem hidráulica, oriunda do Sistema Interligado CHESF — Companhia Hidroelétrica do São Francisco, que cobre 8 estados da Região Nordeste, exceto o Maranhão. Assim, a CHESF é o fator dominante na geração de energia elétrica para a Bahia, suprimindo a COELBA — Companhia de Eletricidade da Bahia e a COPENE — Companhia Petroquímica do Nordeste, além de fornecer energia diretamente aos maiores consumidores industriais do Estado da Bahia. Com efeito, o sistema de geração da CHESF (composto por 14 usinas hidrelétricas e 2 termelétricas) tem potência nominal instalada da ordem de 10.705 MW. Nesse contexto, a geração hidrelétrica representa 96% da potência total instalada da CHESF.

De acordo com o Sistema de Informações Empresariais do Setor de Energia — SIESE, da Eletrobrás, a capacidade nominal instalada de geração de energia elétrica no Brasil e na região Nordeste é apresentada na Tabela 20.

Tabela 20 – Usinas hidráulicas e térmicas – Capacidade nominal instalada – MW -- Brasil, Nordeste e estado da Região – 1999–2000

Estados / Nordeste / Brasil	1999		2000		Variação % 2000/1999
	MW	Participação na Região NE %	MW	Participação na Região NE %	
Bahia	5.397	50,2	5.397	50,2	-
Sergipe	3.000	27,9	3.000	27,9	-
Pernambuco	1.644	15,3	1.644	15,3	-
Alagoas	440	4,1	440	4,1	-
Piauí	235	2,2	235	2,2	-
Ceará	22	0,2	22	0,2	-
Maranhão	6	0,1	6	0,1	-
Paraíba	4	0,0	4	0,0	-
Rio Grande do Norte	-	-	-	-	-
Região Nordeste em relação ao Brasil	10.748	16,8	10.748	15,9	-
Total – Brasil	63.816	100,0	67.713	100,0	6,1

Fonte: Eletrobrás, 2000.

Nota – Exclusive estatísticas de auto-produtores.

Vê-se que, em 2000, a Bahia foi responsável por 31,1% do consumo total de energia da Região Nordeste, equivalentes a 5% do consumo total nacional. A taxa de crescimento do consumo total na Bahia alcançou 6,9%, no período analisado, situando-se acima das médias brasileira e da Região Nordeste (Tabela 21).

Tabela 21 – Consumo total de energia elétrica – Brasil, Nordeste e estados da Região – 1999–2000

Estados / Nordeste / Brasil	1999		2000		Variação 2000/1999%
	MW	Participação na Região NE %	MW	Participação na Região NE %	
Bahia	14.376	30,4	15.361	31,1	6,9
Maranhão	8.041	17,0	8.265	16,7	2,8
Pernambuco	7.197	15,2	7.637	15,4	6,1
Ceará	5.792	12,2	5.916	12,0	2,1
Alagoas	3.342	7,1	3.387	6,8	1,3
Rio Grande do Norte	2.663	5,6	2.737	5,5	2,8
Paraíba	2.507	5,3	2.588	5,2	3,2
Sergipe	2.101	4,4	2.176	4,4	3,6
Piauí	1.315	2,8	1.390	2,8	5,7
Região Nordeste em relação ao Brasil	47.334	16,2	49.457	16,2	4,5
Total – Brasil	292.677	100,0	305.603	100,0	4,4

Fonte: Eletrobrás, 2000.

Nota – Exclusive estatísticas de autoprodutores.

Tabela 22 – Consumo industrial de energia elétrica– Brasil, Nordeste e estado da Região – 1999–2000

Estados / Nordeste / Brasil	1999		2000		Variação 2000/1999%
	MW	Participação na Região NE %	MW	Participação na Região NE %	
Bahia	7.236	33,3	7.906	34,7	9,3
Maranhão	6.174	28,4	6.312	27,7	2,2
Pernambuco	1.954	9,0	2.016	8,9	3,2
Alagoas	1.878	8,6	1.885	8,3	0,4
Ceará	1.718	7,9	1.796	7,9	4,5
Sergipe	959	4,4	1.023	4,5	6,7
Paraíba	854	3,9	892	3,9	4,4
Rio Grande do Norte	837	3,9	828	3,6	-1,1
Piauí	113	0,5	112	0,5	-0,9
Região Nordeste em relação ao Brasil	21.723	17,5	22.770	17,4	4,8
Total – Brasil	124.380	100,0	131.182	100,0	5,5

Fonte: Eletrobrás, 2000.

Nota – Exclusive estatísticas de autoprodutores.

Em 2000, a participação relativa da Bahia no consumo industrial de energia elétrica da Região Nordeste alcançou 34,7%, equivalentes a 6% do consumo industrial nacional (Tabela 22).

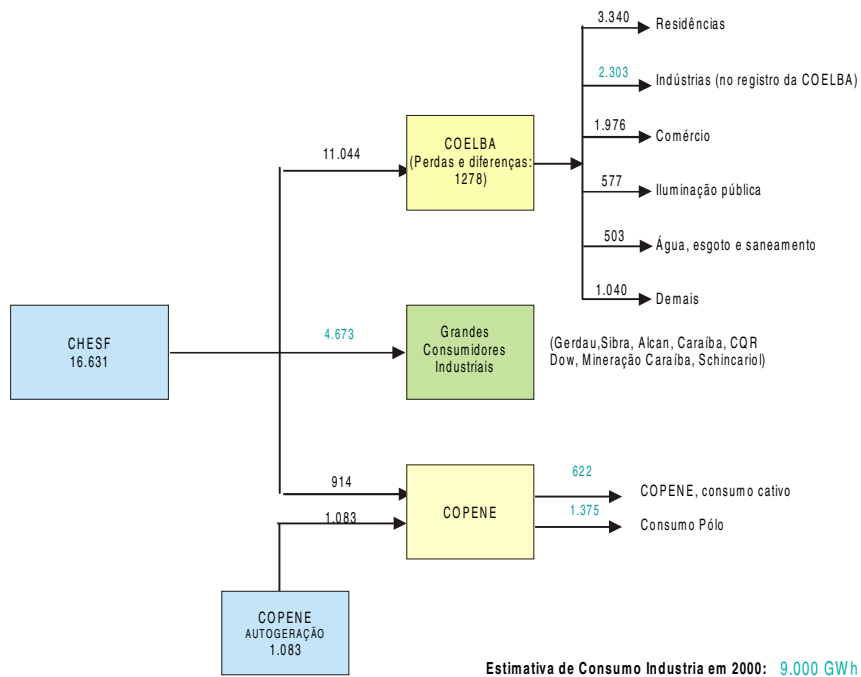
Cabe observar que o Brasil e o próprio Estado da Bahia enfrentaram em 2002 problemas de racionamento de energia elétrica devido à insuficiência de investimentos para a expansão do sistema elétrico nacional. A falta de investimentos na expansão da capacidade geradora do sistema elétrico e do sistema de transmissão, associada à queda no nível de água dos reservatórios das usinas hidroelétricas devido à escassez de chuvas, contribuiu para que se materializasse o racionamento de eletricidade em todo o país. A falta de investimentos na expansão da capacidade geradora do sistema elétrico foi o resultado da equivocada política de privatizações das empresas estatais no contexto da política do governo federal de abertura da economia brasileira, conforme exposto no capítulo 4.

O Mapa 42 e o diagrama de blocos (Figura 25) mostram respectivamente o sistema elétrico interligado do Brasil nas regiões Norte e Nordeste e o caminho que a energia elétrica percorre até as diferentes classes de consumidores no Estado da Bahia.

MAPA 42
SISTEMA ELÉTRICO INTERLIGADO NO NORDESTE DO BRASIL



Fonte: Brasil. Ministério das Minas e Energia.



Elaboração própria..

Figura 25 – Estrutura da distribuição de energia elétrica na Bahia, 2000

6.6.5 Transporte

O Mapa 43 mostra a distribuição espacial dos principais meios de transporte do Estado da Bahia, e as tabelas 23 e 24 apresentam respectivamente a extensão da rede rodoviária existente no Estado da Bahia de 1983 a 1998 e o declínio do movimento de passageiros e de cargas na rede ferroviária no Estado, de 1984 a 1997.

MAPA 43
ESTADO DA BAHIA – PRINCIPAIS MEIOS DE TRANSPORTE



Fonte: Silva et al., 2000

Tabela 23 – Extensão da rede rodoviária por dependência administrativa da Bahia – 1983–1998

Ano	Não Pavimentada				Pavimentadas				
	Federal	Estadual Transitória	Estadual	Municipal	Federal	Estadual Transitória	Estadual	Municipal	Total
1983	1.138	2.182	5.721	99.378	3.710	845	4.654	228	9.437
1984	1.102	2.156	5.569	99.378	3.710	924	4.696	228	9.558
1985	932	2.156	5.512	99.378	3.805	924	4.891	228	9.848
1986	1.043	2.114	5.518	99.378	3.717	966	5.034	228	9.945
1987	979	2.061	5.910	99.378	3.891	1.019	4.827	228	9.965
1988	810	1.964	5.853	99.378	4.127	1.023	4.927	228	10.305
1989	804	1.899	6.020	99.378	4.127	1.048	4.922	228	10.325
1990	804	1.899	6.020	99.378	4.127	1.048	4.922	228	10.325
1991	804	1.899	6.020	99.378	4.127	1.048	4.922	228	10.325
1992	802	1.812	5.510	99.378	4.121	1.128	5.854	228	11.331
1993	717	1.849	5.506	99.378	4.175	1.188	5.960	228	11.551
1994
1995	692	1.849	5.506	99.378	4.243	1.188	5.960	228	11.619
1996
1997
1998	731	1.849	7.884	101.381	4.427	1.225	6.479	240	12.371

Fonte: SEI.

Tabela 24 – Movimento de passageiros e carga transportada na rede ferroviária – Bahia, 1984–1997

Ano	Passageiros			Carga Transportada (t)		
	Suburbano	Interior	Total	Combustível	Outros	Total
1984	6.274.921	41.792	6.316.713	315.817	1.315.960	1.631.777
1985	7.730.030	60.893	7.790.923	321.978	1.332.990	1.654.968
1986	6.800.478	67.512	6.867.990	340.770	1.608.960	1.949.730
1987	6.657.273	73.008	6.730.281	352.167	1.596.827	1.948.994
1988	4.987.884	68.782	5.056.666	323.056	1.429.908	1.752.964
1989	5.601.604	13.901	5.615.505	239.491	1.003.482	1.242.973
1990	4.902.511	-	4.902.511	322.178	1.160.481	1.482.659
1991	4.759.060	-	4.759.060	424.786	1.276.079	1.700.865
1992	1.779.668	-	1.779.668	349.019	821.907	1.170.926
1993	2.358.744	-	2.358.744	352.545	657.825	1.010.370
1994	1.882.397	-	1.882.397	365.676	717.897	1.083.573
1995	1.514.464	-	1.514.464	355.573	735.402	1.090.975
1996	1.211.078	-	1.211.078	359.615	668.604	1.028.219
1997	1.080.887	-	1.080.887

Fonte: SEI.

A principal rodovia pavimentada do Estado é a Rio-Bahia (BR-116), que corta o interior de sul para norte, passando por Vitória da Conquista, Jequié e Feira de Santana. Nessa cidade, a Rio-Bahia é interceptada por outra importante estrada pavimentada, que parte de Salvador em direção a Juazeiro-Petrolina. De Salvador para nordeste estende-se a BR-101, também pavimentada, que alcança Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, em sua extremidade setentrional, depois de passar por Aracaju em Sergipe, Maceió em Alagoas e João Pessoa na Paraíba. Todas essas rodovias foram construídas pelo governo federal.

A rede ferroviária é constituída por três grandes ramos que partem de Salvador para nordeste, na direção de Sergipe; para noroeste, na direção do Piauí; para sudoeste, na direção de Minas Gerais. Com exceção dos trechos que cortam o Recôncavo e a zona da Mata sergipana, as linhas servem a áreas de baixa densidade demográfica e fraca atividade econômica.

É importante destacar a precariedade em que se encontram as rodovias do Estado da Bahia, sobretudo as federais, devido à falta de manutenção, a queda vertiginosa na disponibilidade de linhas da rede ferroviária em operação, sobretudo após a privatização da Rede Ferroviária Federal, e o declínio no movimento dos portos existentes no Estado da Bahia. A precariedade da infra-estrutura de transporte vem comprometendo sobremaneira o desenvolvimento econômico do Estado da Bahia

O Estado da Bahia possui dois grandes aeroportos, o de Salvador e o de Porto Seguro. O movimento de aeronaves, passageiros, cargas e correio no aeroporto de Salvador foi crescente nas décadas de 80 e 90 (Tabela 25). Possui também quatro portos: Aratu, Camamu, Ilhéus e Salvador. Em Madre de Deus, município de Salvador, funciona o terminal marítimo Almirante Alves Câmara, da Petrobrás, por onde se exportam petróleo bruto e produtos da refinaria Landulfo Alves. A Tabela 26 mostra o declínio nas décadas de 80 e 90 no movimento de navios e mercadorias pelos principais portos existentes no Estado da Bahia.

Tabela 25 – Movimento de aeronaves, passageiros, cargas e correio no aeroporto de Salvador – 1984–1997

Ano	Aeronave		Passageiros		Carga (kg)		Correio (kg)	
	Pouso	Decolagem	Embarcado	Desembarcado	Embarcada	Desembarcada	Embarcado	Desembarcado
1984	20.260	20.261	577.609	498.762	3.921.816	7.467.963	2.403.479	96.118
1985	20.335	20.335	620.152	532.750	3.659.357	6.030.465	218.403	107.619
1986	22.908	22.908	805.875	666.843	5.842.732	8.620.584	291.979	120.843
1987	22.362	22.362	793.460	682.208	7.850.836	10.368.362	725.001	1.223.295
1988	23.322	23.322	781.848	699.018	5.793.200	10.893.136	3.842.559	7.210.391
1989	24.012	24.012	866.015	787.846	9.506.542	13.547.584	3.998.206	5.134.039
1990	24.772	24.772	828.601	745.166	9.114.567	11.349.397	2.439.211	6.086.009
1991	26.211	26.211	830.128	760.145	5.763.030	8.332.991	5.771.664	4.596.271
1992	22.937	22.937	720.248	627.104	4.609.247	7.192.785	6.246.527	4.567.946
1993	21.060	24.060	684.809	671.287	3.374.200	6.123.210	8.115.692	7.740.477
1994	26.426	26.426	697.842	769.960	4.369.523	9.345.025	8.470.925	6.998.724
1995	27.231	27.135	833.944	855.995	7.245.493	13.684.516	7.629.214	7.169.221
1996	27.847	27.593	760.561	801.341	6.845.693	12.139.414	7.503.918	6.016.730
1997	30.982	30.568	802.668	945.633	9.402.156	16.670.876	8.237.874	7.351.463

Fonte: SEL.

Tabela 26 – Movimento de navios e mercadorias por portos organizados – Bahia – 1984–1997

Ano	Aratu			Malhado		
	Navios	Exportação (t)	Importação (t)	Navios	Exportação (t)	Importação (t)
1984	1.413	6.135.941	4.207.255	458	192.009	373.422
1985	1.332	5.285.221	5.458.425	495	280.024	417.838
1986	1.495	5.726.239	7.170.765	323	213.516	485.916
1987	1.556	5.724.734	7.126.358	289	246.784	448.403
1988	1.603	5.853.164	7.812.687	288	199.313	452.125
1989	1.522	5.858.448	7.961.770	212	214.916	455.553
1990	1.280	5.915.958	7.510.967	237	210.986	454.153
1991	1.189	4.577.215	6.942.515	199	179.133	378.385
1992	1.167	5.411.660	8.076.107	175	170.635	312.033
1993	1.383	5.601.620	8.406.792	143	288.807	356.609
1994	1.288	5.193.546	8.444.111	161	562.609	394.055
1995	1.294	4.948.954	8.577.922	90	372.882	441.341
1996	1.309	4.989.310	9.883.553	72	151.511	270.912
1997	1.392	5.168.331	10.726.242	56	339.285	92.302

Ano	Salvador			Total		
	Navios	Exportação (t)	Importação (t)	Navios	Exportação (t)	Importação (t)
1984	1.164	946.266	485.459	3.035	7.274.216	5.066.136
1985	1.100	916.470	427.850	2.927	6.481.715	6.304.113
1986	925	677.386	592.700	2.743	6.617.141	8.249.381
1987	879	635.547	666.193	2.724	6.607.065	8.240.954
1988	990	775.160	465.602	2.881	6.827.637	8.730.414
1989	796	887.664	382.935	2.530	6.961.028	8.800.258
1990	844	959.717	479.157	2.361	7.086.661	8.444.277
1991	815	920.198	419.291	2.203	5.676.546	7.740.191
1992	991	1.348.716	408.764	2.333	6.931.011	8.796.904
1993	722	1.248.195	418.029	2.248	7.138.622	9.181.430
1994	652	1.520.207	451.270	2.101	7.006.362	9.289.436
1995	583	1.083.790	519.656	1.967	6.405.626	9.538.919
1996	534	1.087.469	547.043	1.915	6.228.290	10.701.508
1997	439	981.732	590.777	1.887	6.489.348	11.412.321

Fonte: SEI.

6.6.6 Telecomunicações

Os principais aspectos a serem destacados na área de telecomunicações são, de um lado, o grande crescimento dos terminais em serviço com celulares e, de outro, a estagnação dos telefones em serviço fixo no período analisado. É possível que o uso de celulares tenha contribuído para a queda no uso de telefones em serviço fixo (Tabela 27).

Tabela 27 – Terminais e telefones em serviço, fixo e móvel celular – Bahia – 1983–1997

Ano	Terminais em serviço		Telefones em serviço fixo
	Convencional	Celular	
1983	223.850	-	354.374
1984	242.732	-	389.731
1985	256.295	-	412.768
1986	270.408	-	450.744
1987	290.282	-	485.310
1988	308.899	-	519.399
1989	344.617	-	565.142
1990	392.682	-	610.553
1991	409.041	-	619.918
1992	430.985	-	598.299
1993	451.694	4.670	598.051
1994	476.554	29.322	609.201
1995	540.540	96.256	618.110
1996	636.544	157.900	610.802
1997	769.522	174.829	595.307

Fonte: SEL.

6.6.7 Mudanças na economia

De perfil predominantemente agrícola no passado, a Bahia é atualmente um estado com uma importante indústria química e petroquímica. O Pólo Petroquímico de Camaçari é o grande responsável pela atual performance do Estado da Bahia no setor industrial. A indústria petroquímica baiana, responsável por grande parcela do PIB industrial, foi decisiva para que o Estado da Bahia apresentasse as empresas de mais elevada média de crescimento no Brasil em 1999: 27,4%. Na lista das dez maiores empresas do Estado da Bahia, o Pólo Petroquímico de Camaçari incluiu quatro. Outro segmento que vem crescendo no Estado da Bahia é o turismo.

Em Ilhéus, cresce o pólo de informática, e a montadora Ford já construiu sua planta em Camaçari que deverá atrair fornecedores de autopeças. A montadora Ford deixa de se instalar no Rio Grande do Sul e se instala na Bahia, atraída pelos incentivos fiscais oferecidos pelo governo do Estado da Bahia. Beneficiada também por incentivos fiscais, a empresa Monsanto, que produz transgênicos, implantou em Camaçari uma fábrica de herbicidas, com investimentos de 550 milhões de dólares. A unidade de Camaçari é a maior fábrica da multinacional fora dos Estados Unidos, mas a concessão de incentivos aos norte-americanos acirra a guerra fiscal entre os estados.

Com os investimentos realizados nos últimos 15 anos no Estado da Bahia surgiram pelo menos três novas áreas prósperas que se destacam das demais, as regiões do Baixo Médio São Francisco, Oeste e Sul do Estado da Bahia, que concentram grandes empreendimentos. As duas primeiras revelam potencial para atividades ligadas ao agro-negócio, baseadas principalmente na agricultura irrigada, expondo os contrastes de um estado com dois terços de seu território no semi-árido. A terceira região, que dependeu durante anos do cacau, volta-se para o turismo e a produção de celulose. De 2000 para 2001, a safra de cacau caiu de 159 mil toneladas para 139 mil. E o produto responde por apenas 5% das exportações baianas.

Surgem também com força o algodão e o café, além da mamona, melancia, feijão e a pecuária. Entre os principais produtos agrícolas estão a cana-de-açúcar, a soja, a mandioca e o milho. A soja, principal produto agrícola do Oeste, apesar de safra recorde — fechada para o ano 2000 em 1,5 milhões de toneladas —, deixa de ser o centro das atenções dos agricultores, que apostam no milho. Surgem também com força o algodão e o café, além de mamona, melancia, feijão e a pecuária.

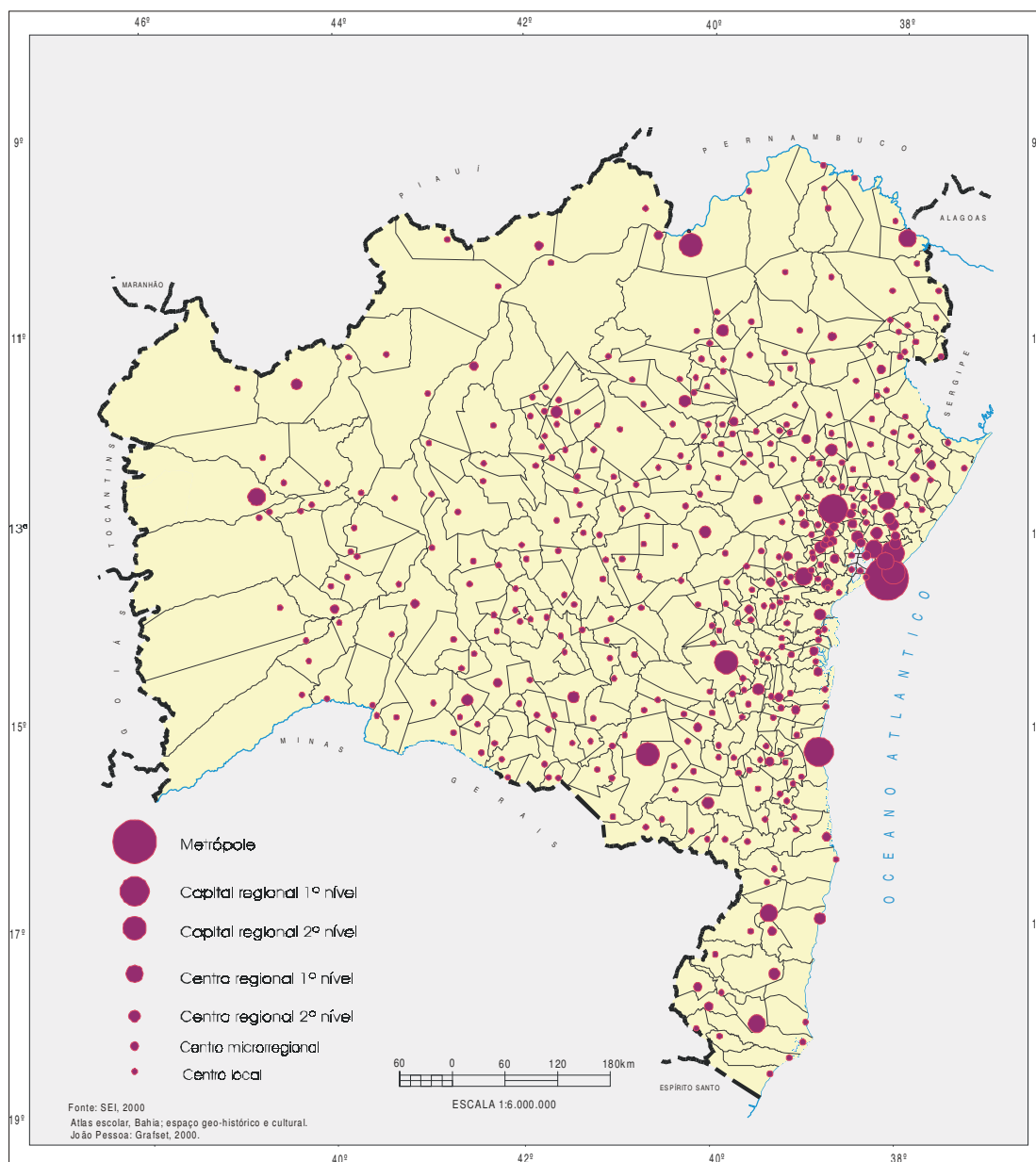
Na pecuária, a criação de caprinos adapta-se às condições do semi-árido e traz bom retorno econômico. O Estado da Bahia tem o maior rebanho de cabras do país, com 3,4 milhões de animais em 1999. Na região semi-árida ainda são criados quase 3 milhões de carneiros e ovelhas, o segundo maior rebanho brasileiro. A criação de bovinos é a oitava do país e atinge 10 milhões de cabeças.

A análise detalhada de cada região e, sobretudo, dos focos dinâmicos e dos problemas mais críticos de desenvolvimento do Estado da Bahia e de suas regiões se encontra no capítulo 8.

6.7 O ESTADO DA BAHIA E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

As cidades principais (Mapa 44) do Estado da Bahia agem como verdadeiros pólos econômicos, sobretudo no sertão. São elas: Feira de Santana, na periferia do Recôncavo; Itabuna e Ilhéus, na região cacauzeira; Jequié e Vitória da Conquista, no planalto; Porto Seguro no Extremo Sul; Barreiras no Oeste e Juazeiro à margem direita do São Francisco.

MAPA 44
ESTADO DA BAHIA – HIERARQUIA URBANA



Fonte: Silva et al. 2000

Além das funções de capital político-administrativa, de porto e de centro industrial, a cidade de Salvador desempenha o papel de metrópole regional para uma vasta área, que compreende quase todo o território baiano e ainda todo o estado de Sergipe e o extremo sul do Piauí. Do território estadual escapam à influência econômica de Salvador apenas pequenas áreas situadas nos extremos norte e sul, que são vinculadas a Recife, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Entretanto, sob sua ação direta se encontra apenas o Recôncavo (Mapa 45).

MAPA 45
ESTADO DA BAHIA – RECÔNCAVO



Elaboração própria

6.8 SÍNTESE DOS DADOS REFERENTES AO ESTADO DA BAHIA

Quadro 6 – Aspectos geográficos

Área	564.273 km ²
Relevo	Planície no litoral, depressão a Norte e Oeste e planície no Centro
Ponto mais elevado	Serra do Barbado (2.033,30 m)
Rios principais	São Francisco, Paraguaçu, Jequitinhonha, Itapicuru, Capivari, de Contas
Vegetação	Floresta tropical, mangues litorâneos, caatinga e cerrado
Clima	Tropical
Unidades de conservação	3.531 km ² (junho./2001)
N.º de municípios	417
Municípios mais populosos	Salvador (2.440.828), Feira de Santana (481.137), Vitória da Conquista (262.585), Ilhéus (221.883), Itabuna (196.456), Juazeiro, (174.101), Camaçari (161.151), Jequié (147.115), Barreiras (131.335), Alagoinhas (129.617)

Fonte: Almanaque, 2002 e IBGE.

Quadro 7 – Dados demográficos

Total	13.070.250 (2000)
Densidade	23,2 habitantes/km ² (2000).
Crescimento demográfico	1,1% ao ano (1991-2000)
População urbana	67,1% (2000)
Domicílios	3.170.403 (2000)
Carência habitacional	503.468 (1998).
Padrão de vida	IDH de 0,6548 – 20ª posição no Brasil.
Acesso à água	68% (1999).
Acesso à rede de esgoto	37,2% (1999).

Fonte: Almanaque, 2002 e IBGE.

Quadro 8 – Dados de saúde

Mortalidade infantil	44,7‰ (2000).
Médicos	8,3 por 10 mil habitantes (ago./2001).
Leitos hospitalares	2,3 por mil habitantes (1999).

Fonte: ALMANAQUE, 2002.

Quadro 9 – Dados de educação

Matrícula na educação infantil	295.520 (74,2% na rede pública).
Matrícula no ensino fundamental	3.726.074 (95% na rede pública)
Matrícula no ensino médio	648.757 (92,1% na rede pública) (2001).
Matrícula no ensino superior	73.785 (59,4% na rede pública) (1999).
População com oito anos ou mais de estudo	24,9% (1999)
Analfabetismo	24,70%
Analfabetismo funcional	48,3% (1999)

Fonte: Almanaque, 2002.

Quadro 10 – Dados econômicos

Composição do PIB	Agropecuária: 15,4%; indústria: 36,7%; serviços: 52% (1999)
Participação no PIB nacional	4,40%
Renda per capita	US\$: 1.590 (1999)
Agricultura	Cana-de-açúcar (4.711.788 t), mandioca (4.247.881 t), soja (1.407.600 t), milho (1.121.716 t), feijão (348.027 t), sisal (158.474 t), guaraná (3.475 t), cacau (139.251 t), mamona (79.334 t), laranja (3.373.493.000 frutos), coco-da-baía (423.283.000 frutos) (preliminar junho./2001)
Pecuária	Aves (25.895.149), bovinos (9.170.680), caprinos (3.464.308), ovinos (2.808.846), suínos (1.970.778) (1999)
Mineração	Pedra britada (2.335.109 m3), magnesita (241.991 t), talco (42.182 t), gás natural (1.860 milhões m3), petróleo (2.728.882 m3), ouro (5.017.818 t), prata (320.193 t), cromo-cromita (121.187 t), cobre (85.792 t) (1999)
Indústria	Alimentícia, química e metalúrgica. Extrativa.: castanha-de-caju (2.568 t), umbu (8.955 t), fibras (88.568 t), piaçava (88.514 t), carvão vegetal (20.022 t), lenha (14.910.724 m3), madeira (1.939.735 m3), oleaginosos (6.003 t) (preliminar 2001)
Exportações	Petroquímicos (28%), celulose e papel (15%), mineral metálico (12%), combustível (11%), soja (5%), cacau (5%), outros vegetais (8%)
Importações	Nafta (25%), veículo automotivo (17%), sulfeto de cobre (12%), combustível (7%), petroquímicos (6%) (2000)

Fonte: Almanaque, 2002.

Quadro 11 – Energia elétrica

Geração	19.424 GWh
Consumo	15.361 GWh (2000)

Fonte: Almanaque, 2002.

Quadro 12 – Telecomunicações

Telefonia fixa	1.858,8 mil linhas
Celulares	1.460,6 mil (estimativa 2001)

Fonte: Almanaque, 2002.

Quadro 13 – Dados da capital – Salvador

População	2.440.828 hab. (2000)
Malha pavimentada	70% (1999)
Vias urbanas iluminadas	80% (1999)
Automóveis	312.831 (1999)
Jornais diários	4 (2001)
Cultura e lazer	Bibliotecas públicas (5), museus (8), teatros e casas de espetáculo (10), cinemas (25) (1999)
Data de fundação	29/3/1549

Fonte: IBGE, Almanaque, 2002.

6.9 PRINCIPAIS CONCLUSÕES SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DO TERRITÓRIO E DA SOCIEDADE NO ESTADO DA BAHIA

Pelo exposto neste capítulo, pode-se concluir que os recursos minerais do Estado da Bahia são bastante variados embora apenas alguns ofereçam possibilidades efetivas de exploração comercial, como o petróleo e o gás natural, recursos de que a Bahia é, respectivamente, o terceiro e segundo produtor nacional. A área de exploração de petróleo e gás natural é o Recôncavo baiano, onde se perfuram poços tanto na terra como no mar. Parte da produção é processada localmente, na refinaria Landulfo Alves. Outras riquezas do subsolo são objeto de pesquisa e exploração: amianto, barita, berilo, columbita, cristal de rocha, magnesita, mica, chumbo, mármore, cromo, manganês, talco, diamante, titânio, urânio, vanádio e cobre.

O clima seco predominante na maior parte do interior do Estado (região semi-árida) e a baixa precipitação pluviométrica nela existente representa uma das explicações para o fato de a região semi-árida apresentar um menor nível de desenvolvimento do que as demais (litoral e oeste). A barreira ao processo de desenvolvimento econômico e social representada pelo clima adverso e pela escassez de chuvas na região semi-árida poderia ser superada, entretanto, com a adoção de políticas públicas apropriadas de combate à seca e o aproveitamento racional dos recursos hídricos nela existentes, o que não ocorreu até o presente momento.

É no Recôncavo e na região cacauieira, onde são registradas as maiores densidades populacionais, que superam 100 hab./km². Já em amplas áreas do interior, o povoamento se torna escasso, caindo esses índices para cerca de 15 hab./km² nos chapadões, na Chapada Diamantina e no sertão semi-árido. Há predominância de população rural na maioria dos municípios do Estado da Bahia os quais têm grau de urbanização inferior a 50%. Essa situação configura o atraso econômico e social em que se encontra o Estado da Bahia na maior parte de suas regiões.

As maiores cidades do Estado da Bahia em tamanho da população são Salvador, Lauro de Freitas, Feira de Santana, Camaçari, Ilhéus, Itabuna, Vitória da Conquista, Jequié e Juazeiro. As cidades principais agem como verdadeiros pólos econômicos. São elas: Salvador no Recôncavo, Feira de Santana, na periferia do Recôncavo; Itabuna e Ilhéus, na região cacauceira; Jequié e Vitória da Conquista, no planalto; Porto Seguro no Extremo Sul; Barreiras no Oeste e Juazeiro à margem direita do São Francisco.

A maior parte das indústrias do Estado está concentrada, sobretudo em Salvador, Camaçari e Feira de Santana e as áreas preferenciais de empreendimentos turísticos do Estado da Bahia estão situadas em toda extensão do litoral, sobretudo em Salvador e Porto Seguro. As áreas do Estado classificadas como boas para lavoura e pastagem são em menor número. Observando o semi-árido, percebe-se que existe grande número de áreas regulares para lavoura que poderiam ser mais bem aproveitadas se existissem políticas públicas eficazes de combate à seca e se se utilizassem água subterrânea e a irrigação em larga escala.

O Brasil e a Bahia enfrentaram em 2002 problemas de racionamento de energia elétrica devido à insuficiência de investimentos para a expansão do sistema elétrico nacional. A falta de investimentos na expansão da capacidade geradora do sistema elétrico e do sistema de transmissão, associada à queda no nível da água dos reservatórios das usinas hidroelétricas devido à escassez de chuvas, contribuiu para que se materializasse o racionamento de eletricidade em todo o país, sobretudo no Nordeste. A falta de investimentos na expansão da capacidade geradora do sistema elétrico foi o resultado da equivocada política de privatizações das empresas estatais no contexto da política do governo federal de abertura da economia brasileira.

É importante destacar a precariedade em que se encontram as rodovias do Estado da Bahia, sobretudo as federais, devido à falta de manutenção, a queda vertiginosa nas linhas da rede ferroviária em operação, principalmente após a privatização da Rede Ferroviária Federal, e o declínio no movimento dos portos existentes no Estado. A precariedade da infra-estrutura de transporte vem comprometendo sobremaneira o desenvolvimento econômico do Estado da Bahia.